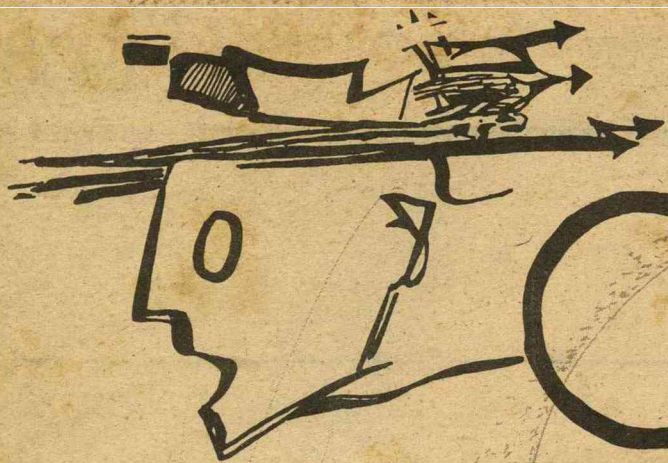




O GALO

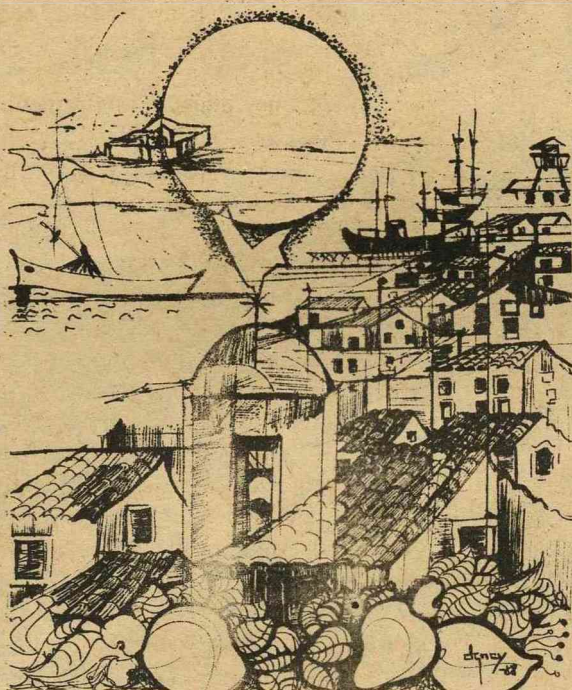
JORNAL CULTURAL

Natal - Ano I - Nº 02 Abril/1988

Fundação José Augusto/Companhia Editora do Rio Grande do Norte-CERN

A CULTURA POTIGUAR
EM QUESTÃO.





Capa: Dorian Gray

EXPEDIENTE

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

Governador

GERALDO MELO

Presidente da Fundação José Augusto

WODEN MADRUGA

Diretor-Presidente da Companhia Editora do Rio Grande do Norte/CERN

WALTER MEDEIROS

Editora

MARIZE CASTRO

Arte-final e Programação Visual

GILBERTO ALVES

Revisão

BRÍGIDA MAFRA DE MACEDO**JOÃO BATISTA DE MORAIS NETO**

Fotógrafo

JOSÉ GODEIRO JR.

Montagem

MARCOS DE LIMA

Assessoria Técnica

TÂNIA LÚCIA DA SILVA

O GALO

Publicação mensal da Fundação José Augusto e Companhia Editora do Rio Grande do Norte/CERN.

Natal, abril de 1988 — Ano I - Nº 02

Redação: Rua Jundiá, 641 - Tirol - Natal/RN

CEP.: 59.020 — Tel.: (084) 221-2936

A editoria de O GALO não se responsabiliza pelas opiniões emitidas nos artigos assinados. Elas não refletem necessariamente a opinião deste jornal.

SUMÁRIO

COLÓQUIO COM UM LEITOR KAFKIANO.....	03
NICOLAU PARENTE TRAZ LUMIÈRE A NATAL.....	04
O ABISMO ENTRE OS INTELECTUAIS E O POVO.....	06
POEMA DE FERNANDO GURGEL PIMENTA.....	07
CULTURA NORDESTINA, A QUE SERÁ QUE NOS DESTINA ?.....	08
REMOVENDO AS MARCAS DO TEMPO.....	10
ANA POTIGUAR, UM NOVO OLHAR SOBRE O MESMO OBJETO..	11
CULTURA POTIGUAR. EIS A QUESTÃO (2).....	12
PESSOA E SEUS FANTASMAS.....	14
POEMA DE ADRIANO DE SOUZA.....	16
NATAL DE ONTEM NUMA REVISTA DE HOJE.....	17
A MAIORIDADE DE UM PERÍODO QUE PASSOU.....	18
O TAO DA TERRA OU CAJUS PARABÓLICOS.....	20
68, EU TE AMO.....	21
POEMA DE NICANOR PARRA.....	22
CARTAS DOS LEITORES.....	23

Editorial

Pois é, chegamos ao 2.º número de O GALO, certos que o nosso único compromisso é com as artes e a cultura. Após uma bonita festa de lançamento, no Teatro Alberto Maranhão, onde artistas, produtores culturais, intelectuais, jornalistas e o governador Geraldo Melo estiveram reunidos, ficou evidente a política cultural do Governo do Estado: incentivar e valorizar todos os que fazem a cultura e as artes no Rio Grande do Norte.

Aos poucos os nossos artistas estão descobrindo que o seu ponto de apoio e referência é a Fundação José Augusto, que completou este mês 25 anos, com a certeza que todo

esforço é válido.

Neste número continuamos a questionar a cultura do Rio Grande do Norte, através dos seus artistas e intelectuais. Continuaremos por mais alguns números com essa questão “deliciosamente” complexa e polêmica.

Sabemos o quanto é importante analisar e refletir o que se resgatou, preservou, o que se fez, o que se deixou de fazer e o que está sendo feito na cultura potiguar.

Os próximos números virão. O GALO cantará todos os meses consciente do seu papel e da sua função: despertar. Portanto, permanecemos abertos a opinião.

Nelson Patriota

Tomas à mão o velho exemplar de "Fragmentos e Parábolas", de Kafka (o único livro dele que te resta). Algum lugar da memória insinua que já o leste algumas dezenas de vezes, tantas que nem tua razão sabe precisá-las ao certo. Sabes, porém, que o livro (guia-te, neste momento, uma sutil intuição) é portador de várias mensagens. Daí a recorrência às releituras.

O que mais te perturba está contido em quaisquer destas parábolas, destes fragmentos, indistintamente, que convidam teu espírito a meditar sobre o teu próprio destino (que insondáveis desígnios te arrastaram à condição atual, sob tantos aspectos deplorável, sob outros tantos, invejável?), bem como a buscar no destino dos teus semelhantes uma resposta unânime que case com as indagações de todos e que seja, também, de comum acordo, aplicável a todos.

Repões o livro em seu exíguo espaço na estante, entre o vate de Stratford e o escoliasta de Estagira. Supões assim combinar a justa medida apaziguadora da alma atormentada do tcheco. Mas, e a tua alma? Ou já cessaram de todo as elucubrações suscitadas pelas parábolas? Já desvendaste, em teu entender, toda a gama de significações subjacentes a esses escritos esotéricos? Calou-te fundo, no espírito, finalmente, a verdade que tanto persegues? Não! Claro que não, meu caro! Vai, toma outra vez o livro e tenta um derradeiro esforço para desnudar a face, sem mais rebuços, das palavras, e expurgar seu sentido. Vai, tenta aprisionar teu inquisidor no ato final que o singulariza: o dedo em riste!

Finalmente te decides a voltar ao livro. Abres uma página ao acaso (lembras, pois não? trata-se do velho jogo familiar: de um lado, tu mesmo; do outro, o Acaso. Aliás, não poderias contar com melhor parceiro...). Te deparas com uma frase grifada por traços de cores variadas, superpostos, indicativos de reiteradas leituras, separadas por períodos de tempo já indetermináveis. Eis o que lês: "entre os vivos, ninguém pode descartar-se de si mesmo".

Essa terrível sentença, quicá foi varrida de tua memória. Mas reconheces seu efeito de raio. Assim, tornas, sôfrego, algumas páginas atrás, a fim de localizar o início do texto e

Colóquio com um leitor kafkiano



Franz Kafka

ver em que modalidade ele se enquadra (parábola ou fragmento). Percebes então a inutilidade desta busca: trata-se de um escrito intitulado "esboço de autobiografia".

Tal observação, **em passant**, apenas acresce um elemento pitoresco ao jogo que estás empreendendo. O importante, porém, é que o autor fala de si mesmo. **Mas** fala a ti, por inevitável meandro. E logo te vês imerso nas malhas inelutáveis do judeu de Praga. Reflete, vai!: "ninguém pode descartar-se de si mesmo". Não obstante, é muito pouco o que aí está dito. Silenciosamente repassas a vista pelo resto do texto e te deparas com um conclusivo e enigmático "a gente se". Basta!, exclamas indignado. Concorde contigo. Este "se" real-

mente não elucida absolutamente nada. Apenas concorre para te fazer mais prisioneiro de ti mesmo.

A propósito, de alguma forma te é incômodo seres um prisioneiro de ti mesmo? - "Algumas vezes...", respondes. Replico que tua resposta não satisfaz. Ela apenas denuncia um velho ardil no qual te tornastes hábil, dadas as seguidas leituras desse senhor de Praga. Mas logo retrucas: "jamais despertei transformado em algum asqueroso inseto rastejante! Continuo a ser o mesmo homem de sempre, posto que certamente um tanto mais velho do que era há um ano. Só isso, o que é perfeitamente compatível com a ordem natural das coisas. Também não estou sob a vara da Lei, prestes a ser executado como um herético, por algum motivo inalcancável à minha razão; nem fiz mo-

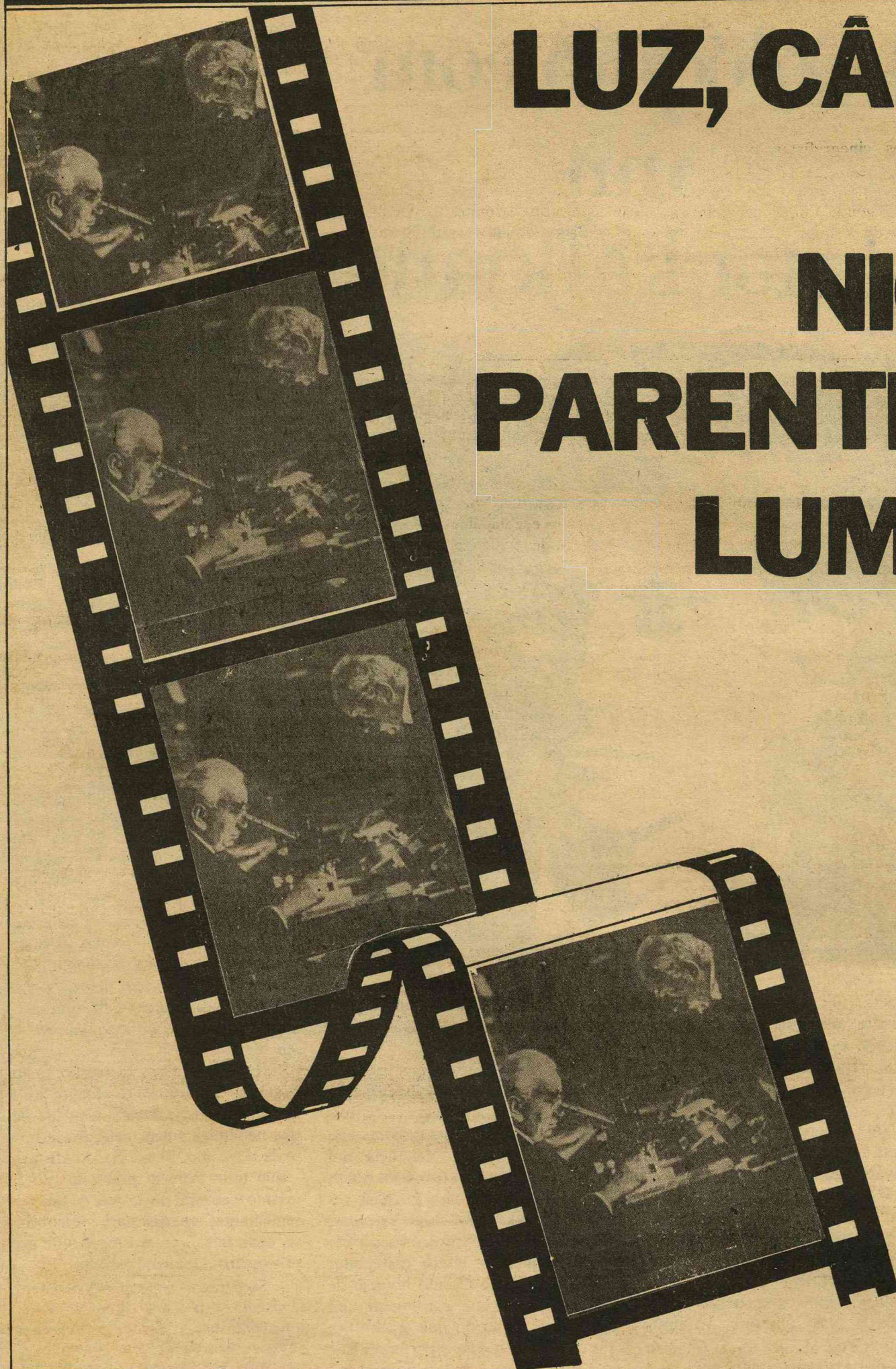
rada numa toca (como o fazem as topeiras) a fim de me resguardar dos homens, do mesmo modo como não anseio adentrar um indevassável castelo vazio". E, tomando o fôlego, observas ainda: "sequer sonho em fugir para a América...". Chega! - atalho - já deste suficientes provas de conheceres a obra do sr. Franz Kafka. O que, aliás, é inteiramente ocioso, pois já o sabias. Também não te perscrutam o espírito quaisquer indagações relativas ao juízo final, à árvore da vida, a lamentos de sereias, ou exortações dos sábios e demais coisas que se enquadrem dentro daquilo que não está no cotidiano. Importa saber por que então te debruças sobre essa obra (te desfizeste dos demais trabalhos do sr. Kafka, do mesmo modo leviano como ele intentou fazê-lo, sem sucesso) com tamanha insistência, ao invés de te deteres em coisas práticas, como, por exemplo... (....).

Hesitas. Com certeza guardas de memória um estremecimento de alma que te suscitou uma certa passagem da "Colônia Penal": "A culpa é indubitável". Quicá, tal frase se aplica a ti, de modo não menos eloquente que ao protagonista urdido na escura cela de pesadelos do teu mestre tcheco. Indagas de que ordem é a culpa? Certamente, a de seres prisioneiro de ti mesmo!

Mas é aconselhável que chegues à última parábola do livro. Sim, do livro que tens à mão. Aí está: "o homem só". Concluída a leitura, sentes tão indisfarçável mal-estar que o remédio é tentar relê-la e, assim, debelá-la. Ato inútil. Não é bem isso que procuras e de nada valeram tantas e tantas voltas ao opúsculo do tcheco. Mas de súbito percebes que finalmente tens algo a afirmar a ti mesmo. Trata-se de algo relativo teu mestre (que começa a fraquejar diante de teus olhos incrédulos: não contavas com evento tão formidável, não é verdade?). Recapitulas: diz ele que nenhum homem pode descartar-se de si mesmo. Mas é claro - afirmas - que todo homem pode sair de si mesmo e colocar-se na pele de um seu semelhante, **apenas** para descobrir-se, cada nova vez, prisioneiro de um prisioneiro. Dolorosa escolha!

Será isso que ele queria dizer-te? O círculo se fecha. Mal custas a crer que neste exato momento projeta-se sobre a parede de teu quarto a gigantesca sombra de um inseto inominável...

Nelson Patriota é escritor e jornalista. Editor Nacional e Internacional da Tribuna do Norte.



LUZ, CÂMARA, AÇÃO. NICOLAU PARENTE TRAZ LUMIÈRE A NATAL

Anchieta Fernandes

Neste ano de 1988, o Cinema em Natal completa seus 90 anos de existência. Foi numa noite de sábado, a 16 de abril de 1898, que Nicolau Maria Parente exibiu pela primeira vez em Natal filmes através do cinematógrafo lumieriano. O local de exibição foi a Rua do Comércio (depois, Rua Chile), na Ribeira. Não sabemos com certeza se as cenas foram projetadas ao ar livre, contra a parede de um prédio da referida rua, ou se foram projetadas no interior do Teatrinho da "Fênix Dramática Natalense" (pois, exibindo Nicolau Parente o cinematógrafo mais vezes em Natal, teve o dia 26 de abril em que o jornal "A República" anunciou que Parente não exibiria naquele dia o cinematógrafo porque iria ser apresentado espetáculo em benefício da "Fênix Dramática Natalense" - constando o referido espetáculo de um drama, uma comédia e "uma apoteose da morte de Antônio Conselheiro").

Tempos atrás conversávamos com nosso amigo Gumercindo

Saraiva, e ele nos referiu que seu pai (Gabriel Saraiva, ferroviário) presenciou algumas das primeiras apresentações do cinema em Natal, e lhe contava que o público desacomumado de ver aquele tipo de espetáculo provocou, no momento em que o operador preparava as fitas no projetor, uma cena que seria hoje engraçada: todo mundo sentou-se nas cadeiras de frente para o projetor, esperando o começo do espetáculo. Foi preciso o operador explicar que as cenas seriam vistas não no próprio aparelho e sim na parede em frente.

De qualquer maneira, pulemos a exatidão sobre o local das exposições (se ao ar livre ou se no interior do teatrinho), e imaginemos um quadro: senhores de colarinho duro, punhos portáteis, chapéu de castor e bengala; e senhoras de espartilho, anquinhas e sobretudo de casemira com golas de barbatana se dirigindo à noite à Rua do Comércio para verem as pequenas películas que a reportagem de "A República", de 19 de abril de 1898, registrava:

"O Cinematógrafo

Sábado à noite o sr. Nicolau Parente fez uma excelente exibição do cinematógrafo - mais uma das grandes aplicações da eletricidade devido ao grande gênio de Edison.

O trabalho agradou bastante e é uma das melhores diversões que temos gozado nesta capital. Foram exibidas as cenas do 'Jubileu da Rainha Vitória', onde viam-se todos os movimentos do grande cortejo, os 'Banhos da Alvorada', 'A Catedral de Milão', 'O Casamento do Príncipe de Nápoles', 'O Panorama de Veneza', 'A Chegada em Gondola', 'A Comida aos Pombos na Praça de São Marcos' e a 'Chegada do Trem'. É de notar a naturalidade com que são representadas todas as cenas, dando a ilusão do Natural. Os 'Banhos da Alvorada' sobretudo, merecem os favores do público distinguindo-se perfeitamente os gestos dos banhistas e os salpicos d'água. O Sr. Parente pretende demorar-se nesta capital, exibindo muitas outras cenas do cinematógrafo. Serão, porém sempre exibidos o 'Jubileu da Rainha Vitória', os 'Banhos da Alvorada' e a 'Chegada do Trem'.

O espetáculo de hoje consta das mesmas vistas, porém o de amanhã promete ser muito variado.

O público ficará agradavelmente surpreendido com as aplicações do cinematógrafo, e é de esperar que proporcione extraordinárias enchen-tes a excelente distração de que nos vimos ocupando".

Com excessão de "Chegada

do Trem", de Lumière, todos os outros filmes (um dado extra para os interessados: o filme "Jubileu da Rainha Vitória" continha exatamente 5000 fotogramas) devem ter sido feitos por Promio, um dos primeiros cinegrafistas que Lumière mandou a viajar pelo mundo para divulgar seu invento, e que filmando de uma gôndola em movimento, nos canais de Veneza, descobriu o travelling e a panorâmica cinematográfica.

O comentarista de "A República" foi o anônimo primeiro crítico e comentarista de cinema em Natal, principalmente quando dizia entusiasmado: "É de notar a naturalidade com que são representadas todas as cenas, dando a ilusão do natural. Os 'Banhos da Alvorada' sobretudo, mereceram os favores do público distinguindo-se perfeitamente os gestos dos banhistas e os salpicos d'água".

Como já dissemos, Nicolau Parente fez mais outras exposições do cinematógrafo lumieriano em Natal. A 23 de abril, incluindo os filmes: "Corridas a Cavalo no Prado de Sidney", "O palhaço e o Homem-Cão", "Jogadores de Cartas" ("molhados, verdadeira cena de provocar Gargalhadas" — como dizia o anúncio em "A República", a 23/4/1898, comentando o que na certeza era o filmezinho de Lumière "La Partie d'Ecarté"). A 24 de abril, incluindo o filme "Partida de Um Regimento de Couraceiros e Artilharia a Trote". Deve ter sido exibido também a 25 de abril.

A 26 de abril — quando o cinematógrafo não foi exibido, parece que para ceder lugar às apresentações teatrais da "Fênix Dramática Natalense" — o jornal "A República" publicava este comentário: "Dentre as novas vistas exibidas salientaram-se, pela naturalidade admirável da cena, 'Os Jogadores de Cartas' e 'O Homem-Cão'. Entretanto o que mais surpreendeu foi o final do quadro 'Banhos de Alvorada', em que, naturalmente por uma inversão das fotografias ou do aparelho projetor, os banhistas, que atiravam-se à água tornavam a ascender como impelidos por uma mola dando cambalhotas no ar e indo cair precisamente nas extremidades dos trampolins que tinham servido para lhes darem impulso no primitivo salto. É o caso de dizermos: digam os sábios da escritura, que segredos são esses da Natureza. A encheite foi completa".

Como se vê, do comentário noticioso transcrito, o cinema em seu início era cômico até por

iniciativa da técnica do operador, que facilitava as trucagens, as inversões de projeção (o truque de inverter as cenas, fazendo com que os banhistas subissem da água ao trampolim ao invés de cair do trampolim na água, era possível naquele tempo, do projetor manual, quando o operador podia girar a manivela ao contrário). Vemos também da atualidade do poeta quinhentista Camões, já que um verso seu podia servir ao comentarista do jornal "A República" para exprimir o espanto ante o referido truque.

A 29 de abril anunciavam-se pela "A República" novos filmes que seriam mostrados: "Desfilada de Caçadores Alpinos", "Um Batalhão em Marcha", "Briga de Mulheres Sem Coragem", "Carnaval em Veneza", "Partida de Cães Para Caça" e "Terminação" (este último, seria um filmezinho de Lumière para terminar os espetáculos?).

A 3 de maio, eram anunciados os filmes: "Um Corcel Manhoso", "Uma Ponte em Construção", "Dança do Egito". Para 5 de maio: "Uma Chistosa Dança Tirolesa", "Elefante com Carga na Índia", "Cortejo dos Costumes dos Antigos Germanos", "Trajeto de Romanos e Abissínios" e "Interessantes Corridas em Sacos".

O último dia de exibição do cinematógrafo de Nicolau Parente em Natal foi o domingo, dia 8/5/1898, quando ele incluiu mais os filmes: "Dragões a Cavalo Atravessando o Grande Rio Saon" e um filme sobre o qual o anúncio em "A República" comentava: "os dois muito apreciáveis palhaços artistas de 1ª ordem".

Talvez, estes dois "palhaços artistas de primeira ordem" foram Footit e Chocolat, que Lumière filmou em quatro números do "Nouveau Cirque", em 1896 ou 1897. Segundo Alex Vianny (V. "O Cinema Nasceu Rindo", em revista "Senhor", ano 3, nº 8, agosto de 1961), os quatro números foram: "Boxeur", "Guillaume Tell", "Le Policeman" e "La Mort de Chocolat". Vianny narra como eram estes números circenses que o natalense de 1898 viu na tela: "Para começar, havia a paródia de uma luta de boxe. Depois, outra paródia, em que Footit colocava uma maçã na cabeça de Chocolat e procurava acertá-la com uma espingarda, enquanto Chocolat tirava nacos da fruta; finalmente, Footit conseguia seu intento, com um jato d'água que saía da espingarda, e os dois acabavam de comer a maçã. No terceiro quadro, a empregada dos dois chamava um guarda, para separá-los numa briga, e os dois se viravam contra o guarda. Finalmente,

noutra briga, Chocolat fingia-se de morto e pregava peças nos que carregavam o "cadáver".

Os mesmos palhaços, de quem Toulouse-Lautrec fez um cartaz, serviram a uma "pantomima luminosa" de Émile Reynaud, um dos grandes do nascimento do cinema, Reynaud, precursor do desenho animado, fotografou o citado número de Guilherme Tell, selecionando depois apenas os fotogramas necessários à movimentação, colorindo-os com extraordinário bom-gosto e projetando-os em seu Théâtre Optique, quando, praticamente arruinado pelo cinema normal, teve de vender, por 500 francos, todos os projetores que possuía, em 1907, desejando investigar o cinema estereoscópio e romper com o passado, destruiu a machadinha o Teatro Óptico e lançou no Sena quase todos os seus filmes, inclusive Guillaume Tell". (V. número referido da revista "Senhor").

Como se vê, o natalense de 1898 foi um privilegiado, por ter visto aqueles curiosos filmes cômicos do início do cinema, e que hoje nenhum espectador pode ver mais, nem em cinematecas, pois foram jogados ao Sena por Reynaud. Curiosos, excelentes filmes! Curiosidades que prendiam encantadoramente o espectador ao foco luminoso do écran, e que tiveram imediata repercussão na literatura e no jornalismo locais. A primeira manifestação literária foi a seguinte quadrinha, que alguém sob o pseudônimo de Lulu Capeta, colaborador de "A República", escreveu e que o referido jornal publicou a 19 de abril de 1898:

"O cinematógrafo
Dessa bela novidade
Fui à primeira função
E saí pensando mesmo
Ser aquilo arte do cão".

E o cinematógrafo deu também origem à coluna "cinematógrafo", iniciada em "A República" de 30 de abril de 1898, que, embora durando poucos dias, e embora o assunto dos comentários não fosse propriamente cinema, e sim política (comentada em forma meio satírica), o responsável pela coluna assinava Lumière — numa interessante constatação, visto como assim ele previa que o cinema seria o olho-testemunha da História, mostrando a verdade, por vezes caricata, dos fatos políticos.

Anchieta Fernandes, escritor e crítico de arte. Pesquisador da História do Cinema em Natal.

O Abismo Entre os Intelectuais e o Povo

Tácito Costa

São complexas e contraditórias as relações dos intelectuais com o poder e com as classes populares. Se por um lado, mantêm um discurso progressista, de compromisso com as transformações sociais, por outro, estão umbilicalmente ligados às estruturas sociais dominantes, como funcionários de entidades culturais do Estado. É óbvio que essa ambiguidade, gera desconfianças, quer seja da classe dominante, para a qual o intelectual está "trabalhando", quer das classes populares, para quem o intelectual é visto como agente da dominação burguesa.

Talvez esteja aí a resposta para explicar o abismo existente entre os intelectuais e o povo. No belíssimo ensaio sobre Rimbaud, Henry Miller adverte para esse distanciamento. "Se o poeta não pode mais falar em nome da sociedade, mas apenas em seu próprio nome, é sinal de que nós estamos nas últimas", diz Miller e ninguém mais do que ele viveu tão intensamente ao lado do povo. Povo aqui, abrangendo os bêbados, prostitutas, lutadores de boxe, pintores decadentes e artistas frustrados.

Muito distinto de ter um discurso populista para as classes oprimidas e uma

prática de comprometimento com a classe dominante. Na verdade, e as exceções apenas confirmam o que digo, os nossos intelectuais se preocupam mais com o próprio umbigo. E haja confetes para jogar em cima deles. O que vemos são trabalhos artístico-culturais produzidos para um reduzidíssimo número de pessoas, por intelectuais que se revezam: enquanto uns se ocupam do fazer cultural, os outros jogam confetes, e assim sucessivamente, num círculo estéril e que atravanca o surgimento de um verdadeiro movimento cultural.

As contradições do intelectual em sua relação com o povo, é fruto de suas próprias contradições sociais, já que são em sua maioria pequenos-burgueses. Numa carta a P.V. Annenkov, em dezembro de 1846, Marx já chamava atenção para essa questão. "Numa sociedade avançada, o pequeno-burguês se faz necessariamente, em virtude de sua posição, socialista, de um lado, e economista, do outro, isto é, sente-se deslumbrado pela magnificência da grande burguesia e se compadece das dores do povo. É, ao mesmo tempo, burguês e povo". Por mais que a relação pequeno-burguês/intelectual X povo, seja mascarada a nível ideológico, por um discurso à esquerda, a prática se encarrega de desfazer a mentira.



Arquivo Programação Funarte

Poderíamos tomar como exemplo eloquente dessas contradições, a realização do 9º Festival de Artes de Natal. O Festival, seus organizadores e o público que assistiu, constitui a síntese perfeita de tudo que falei acima. Uma salada de excêntricos e contradições.

Agora, é claro, não devemos meter no mesmo saco, os intelectuais fisiológicos e os que pensam a cultura como algo vital para o desenvolvimento de um povo.

Tem sido objeto de longas discussões o papel dos intelectuais na sociedade. Geralmente toma-se como parâmetro para comparações, as civilizações européias e a norte-americana, e é aí que começam as distorções. Porque não há como comparar duas realidades tão distintas. A figura do intelectual engajado, que Sartre é o exemplo mais conhecido, é uma necessidade na América Latina, onde os partidos políticos são frágeis e os políticos carecem de legitimidade.

O intelectual surge aí como a voz que representa os interesses dos oprimidos. E a não participação (omissão) do intelectual nas lutas ao lado dos mais fracos é uma traição inominável.

Querer se resguardar de assumir responsabilidades sociais sob o manto da questionável "Arte pela Arte" é fazer o jogo da reação. Tal papel, pode ser desempenhado por um gênio da estatura de Borges, que tinha suas raízes na América Latina, mas a cabeça na velha Europa. Mas, em compensação temos a contrapartida de um Garcia Marquez, não menos gênio que Borges, mas que sempre esteve em afinada sintonia com os movimentos sociais latino-americanos. A história se encarregará de julgar. Uns e outros.

Tácito Costa é jornalista. Atualmente é secretário gráfico do jornal Tribuna do Norte.

Vida Besta

o poeta
des
amado
vai ao banco
sua faina

o poeta
des

lavado
segue branco
de raiva

eis que pronto
frente
ao ponto
bronco vate
des
armado
fraco
e tonto

Fernando Gurgel Pimenta

é um bardo
des
vairado
des
orientado
jo
na garganta
aquele não

senhor poeta
bancario
noblesse oblige
a consciência
o aflige
é um
otário

aos francos
e barrancos
o poeta
quase manco
quase morto
o profeta
des
mamado
e aos francos
chega ao banco
aos prantos.

A O R
M I J

M P U
O W S C

O K B
N U E

X A F
H E C Y

Fernando Gurgel Pimenta é poeta e advogado. Primeiro lugar do Prêmio de Poesia Auta de Souza/1986, da Fundação José Augusto.

CULTURA NORDESTINA, A QUE SERÁ QUE NOS DESTINA?

Jomard Muniz de Britto
Roteiro de problematizações. Des-
confiando das afirmativas.
Colagem de citações. Leituras di-
versas: versos e processos.

**CRIO O VERSO
NO MUNDO ADVERSO
E ANVERSO** - Myriam Coeli, 1967.
Ponta Negra. Pontos de luz. Mitos
e contramitos.

- É preciso descobrir novamente o
Brasil. - Guel Arraes, ISTO É,
12.08.87

**PRECISAMOS descobrir o Bra-
sil** - Carlos Drummond de An-
drade, HINO NACIONAL, in Brejo
das Almas, 1931-1934.

- O redescobrimento do Brasil po-
de ser registrado na própria suces-
são das produções historiográficas
posteriores à revolução de 1930.
Carlos Guilherme Mota, Ideologia
da Cultura Brasileira (1933-1974).
& Entre a literatura e o audiovi-
sual, a contribuição do ensaísmo
antropológico e das ciências so-
ciais. A CONTRIBUIÇÃO MILIO-
NÁRIA DE OS ERROS E ACER-
TOS. Errâncias, viagens e lingua-
gens.

- Como dirá Ney Leandro: "Até
1966, as manifestações culturais do
Rio Grande do Norte limitavam-se
a Norte e Sul, Leste e Oeste por
Luís da Câmara Cascudo". Vivía-
mos sob o domínio do impressio-
nismo literário, sem maiores ou-
sadias formais e/ou contextuais.
Moacy Cirne, A POESIA E O POE-
MA DO RIO GRANDE DO NORTE,
Fundação José Augusto, 1979.

& Redescobindo o Brasil através
de suas culturas regionais, de suas
hegemonias, direções espirituais,
de seus monstros sagrados?
Pela necessidade de repensar o
papel desempenhado pelos INTE-
LECTUAIS TRADICIONAIS na di-
nâmica sócio-cultural das regiões e
do país.

Para cada Estado, um Monumento
vivo/morto ou morto vivo da Cul-
tura.

Tudo é MEMORIAL, memorialis-
mo?

A influência dessas personalida-
des no centro das decisões cultu-
rais.

Suas aproximações e afastamentos
em relação às culturas populares.

Suas idiossincrasias. Azias. Aza-
res.

Entre a pesquisa inovadora e os
líricos impressionismos, nesse feliz
intercâmbio, todas as ideologias do
favor e do intimismo à sombra do
poder. (Roberto Schwarz e Carlos
Nelson Coutinho).

À sombra e nas sobras dos poderes
e micropoderes.

... Uma vez que é inegável a exis-
tência de verdadeiros coronéis da
cultura, que dirigem as instituições
culturais, são considerados, não
importa se por merecimento ou
não, os monstros sagrados da inte-
lectualidade provinciana, aboca-
lham sempre os prêmios culturais,
mesmo que, embora seja seu de-
ver, não se mostram abertos ao de-
bate livre das idéias, à discussão
crítica de suas obras, à quebra da
empáfia e do narcisismo individua-
lista, à desmistificação do poder
cultural que exercem. - Marta

Campos, COLONIALISMO CUL-
TURAL INTERNO: O CASO
NORDESTE. Fortaleza, 1986.
§ Somos, queiramos ou não, em no-
me do superego ou pelo lugar do in-
consciente, os herdeiros bem e ma-
lamados dessa tradição retórico-
bacharelesca-oficializada. Com o
gosto sensualíssimo pela palavra e
suas figuras. Com o desmedido
prazer de falar muito maior do que
o de ouvir. A oralidade se amplian-
do, proliferando e eternizando co-
mo oratoriedade. Da literatura de
cordel aos discursos acadêmicos,
é a mesma festa nos salões e pra-
ças. Tradição de barroco-jesui-
tico, da catequese, da persuasão
muito mais do que da argumen-
tação.

§ Dentro dessa tradição que per-
manece vivíssima, surgiram algu-
mas contraposições bem contextua-
lizadas a partir da década de 60,
antes e depois das tramas e trau-
mas.

& UMA PEDAGOGIA DIALÓGI-
CA, conscientizadora e libertadora,
incentivando os debates em peque-
nos grupos: DE PÉ NO CHÃO
TAMBÉM SE APRENDE A LER,
segundo Moacir de Góis, e o SIS-



TEMA PAULO FREIRE DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS. Quem sabe, quando essa pedagogia de questionamentos for praticada nas instituições de ensino, em todos os níveis, nossa realidade sócio-cultural se modifique.

& Uma nova concepção de arte como projeto e produção, o POEMA PROCESSO, disposta a espantar pela radicalidade e marasmo das letras, artes e manhas provincianas. Pela simultaneidade das propostas entre Natal e o Rio de Janeiro.

- Para nós, a vanguarda, superando qualquer formulação meramente estética, é o resultado de uma prática experimental a partir do social, com suas particularidades culturais, determinando o lugar de sua vigência histórica. - Moacyr Cirne, ibidem.

& O Cinema Novo e o Tropicalismo, liderados por Glauber e Caetano, como fortes demonstrações de DESPROVINCIALIZAÇÃO CULTURAL.

- Glauber Rocha mostrou ao Brasil sua miséria e surpreendeu a cultura dominante ao trabalhar sobre aspectos complexíssimos das formas populares de cultura; Caetano, assumindo-se baianamente, descentralizou o que se aceitava como cultura brasileira e, alegorizando as diferenças tidas antes como risíveis, colocou em choque o valor de classe do moderno na cultura brasileira. - Marta Campos, ibidem.

& OS MOVIMENTOS SOCIAIS alternativos como sintomas do NOVO na vida política brasileira. O fenômeno LULA. O fenomenal Gabeira. As minorias.

& Em face dessas tradições e contradições da CULTURA NO NORDESTE, de um lado o barroquismo, o ornamental, a fluência, a retórica exuberante, de outro lado, a educação pela pedra e pela lâmina, o processo de deselitização das vanguardas e a força dos movimentos sociais, como nos situarmos na pluralidade das manifestações culturais que nos cercam e arrebatam?

Cultura do povo, folclore, cultura operária, culturas populares.



Cultura das elites, dos intelectuais como mediadores simbólicos, intérpretes ou ideólogos da cultura. Cultura de vanguarda, nova cultura, alternativa ou experimental. Cultura de massa ou dos meios de comunicação de massa. Indústria Cultural. Como nos situarmos diante da atualização e simultaneidade dessas culturas?

Em que consistiria nossa AÇÃO CULTURAL LIBERTADORA?

§ A Indústria Cultural, tanto representada pelo PADRÃO/PATRÃO GLOBAL de TV como pela centralização econômica, no centro-sul do país, de todas as editoras e gravadoras, é o exemplo mais cristalino de NEOCOLONIALISMO CULTURAL.

De que modo as nossas tevês educativas podem inserir alternâncias de programação local, regional, para talvez contrabalançar a influência dos enlatados monopolizados?

§ A cultura de vanguarda ou experimental oscilando entre a sobrevivência e o desemprego do poeta, entre a fome e o tédio, entre o ser operário ou ser funcionário, entre a cirrose e a combatividade, continua sendo a grande MARGINALIZADA do sistema cultural dominante, quer em termos oficiais, acadêmicos, universitários, quer em matéria de circulação entre as classes e camadas sociais. Entre os perigos do narcisismo e do anarconilismo, aposta na vanguarda permanente, na guerrilha cultural e na vanguarda popular.

§ A cultura das elites não apenas vivencia o luxo cultural dos pós-doutoramentos como, sobretudo, contribui para a IDEALIZAÇÃO

a cultura popular como núcleo maior de criatividade -. Nos extremos da defesa das ideologias regionalistas conservadoras ou no engajamento político partidário. Entre o MUSEU DO NORDESTE e o PT ou PV.

§ E o povo, povinho, povão? As culturas populares sobrevivem através do paradoxo ou ambiguidade entre o CONFORMISMO e a RESISTÊNCIA. Marilena Chauí. Ora o folclore como preservação ou processo de museificação.

Ora a dinâmica dos folguedos populares. RESISTIR É PRECISO. § Onde encontrar o anúncio e a denúncia, a utopia de uma NOVA CULTURA?

Nem ELITISMO nem POPULISMO. Nem os delitos do elitismo nem os deleites do populismo. Nem a vã guarda cosmopolita nem o regionalismo conservador, ciumento, nostálgico.

Pela VANGUARDA POPULAR, PERMANENTE, em sintonia, diálogo e conflito com os MOVIMENTOS SOCIAIS, associações de bairros, sindicatos, entidades de classe. Contra todo tipo de CENSURA & CORONELISMO CULTURAL.

Palestra de abertura do ENCONTRO DE DIÁLOGOS CULTURAIS, promovido pela Fundação José Augusto e Sudene, em Natal.



Jomard Muniz de Brito é poeta, cineasta, animador cultural, etc. O homem dos 7 instrumentos da cultura nordestina.

Removendo as Marcas do Tempo

Por Sebastião Vicente

Remover as marcas do tempo. A poeira acumulada e a corrosão provocada por agentes biológicos. É nisso que consiste a restauração de peças antigas — algo que, guardadas as proporções, pode ser tão trabalhoso quanto recuperar as instalações de um grandiloquente prédio colonial tombado. Até pouco tempo atrás, a recuperação de peças móveis — pinturas de cavalete, imagens policromadas e papel — inexistia no Rio Grande do Norte, embora a reconstrução de prédios históricos continue sendo muito comum. Esta lacuna começa a ser ocupada, com as atividades que o chefe do Núcleo de Museus da Fundação José Augusto, Hélio de Oliveira, 36 anos, vem desenvolvendo em uma sala ainda pequena mas que, com o tempo, pode se transformar no primeiro Centro de Restauração abrangendo outras áreas.

Depois de se demorar por 11 meses em Belo Horizonte, enviado pela FJA para um curso de restauração naquelas três especialidades, Hélio retornou ao Rio Grande do Norte como o único profissional de restauração do Estado. Mas ao deixar BH já trazia a perspectiva de um amargo regresso: ao pisar novamente o solo de Natal, Hélio descobriu que precisaria driblar a apatia oficial dos administradores da Fundação naquele momento e subverter as injunções burocráticas para, só então, colocar em prática o que aprendera. Para se ter uma idéia, o profissional precisava implorar aos dirigentes da FJA, caso quisesse restaurar alguma imagem — quando seria de se esperar que, depois de enviá-lo para um curso especializado na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, passassem a solicitar seus serviços. “Se a Fundação investiu em mim, era ela que tinha que cobrar”, depõe Hélio.

No curso que realizou, em 1980, na UFMG, Hélio de Oliveira conseguiu que um dos seus trabalhos restaurados ainda no curso, em parceria com o também restaurador Túlio Fernan-

des, fosse apresentado no III Congresso Internacional de Restauração de Papel de São Paulo. Todavia, Hélio precisou comprar uma briga para provar seu talento e as chances da prática em Natal. A oportunidade veio com uma imagem de Bom Jesus dos Passos, uma das peças do acervo da Igreja de São Gonçalo, que, entregue a um marceneiro, assustou as freiras ao ser devolvida, tal a grosseria da “restauração” processada. Depois de passar pelas mãos rústicas do marceneiro, a imagem foi entregue a Hélio, embora ninguém acreditasse que ele fosse capaz de ressuscitar o material. Mas ele conseguiu, e aproveitou para, concluído o trabalho, fazer uma pequena exposição na FJA, onde dissecou as avarias da peça, dando uma demonstração do que é, realmente, o profissionalismo na restauração.

A minuciosa busca entre os altos e baixos da imagem do Senhor dos Passos foi feita em condições sofríveis, na sala da sua própria casa. Após este “episódio”, Hélio transferiu todo o seu material para a Fundação — onde até hoje se encontra, uma vez que não tinha o menor apoio.

Área descoberta. Em março do ano passado, este quadro começou a mudar e a restauração ganhou um

impulso que, se ainda não acobertou totalmente os custos da atividade, já compensa todo o esforço pessoal dispendido por Hélio, dentro da própria instituição meses atrás. Desde que o jornalista Woden Madruga assumiu a presidência da FJA, segundo o testemunho de Hélio, a perspectiva de montagem de uma oficina tornou-se mais nítida.

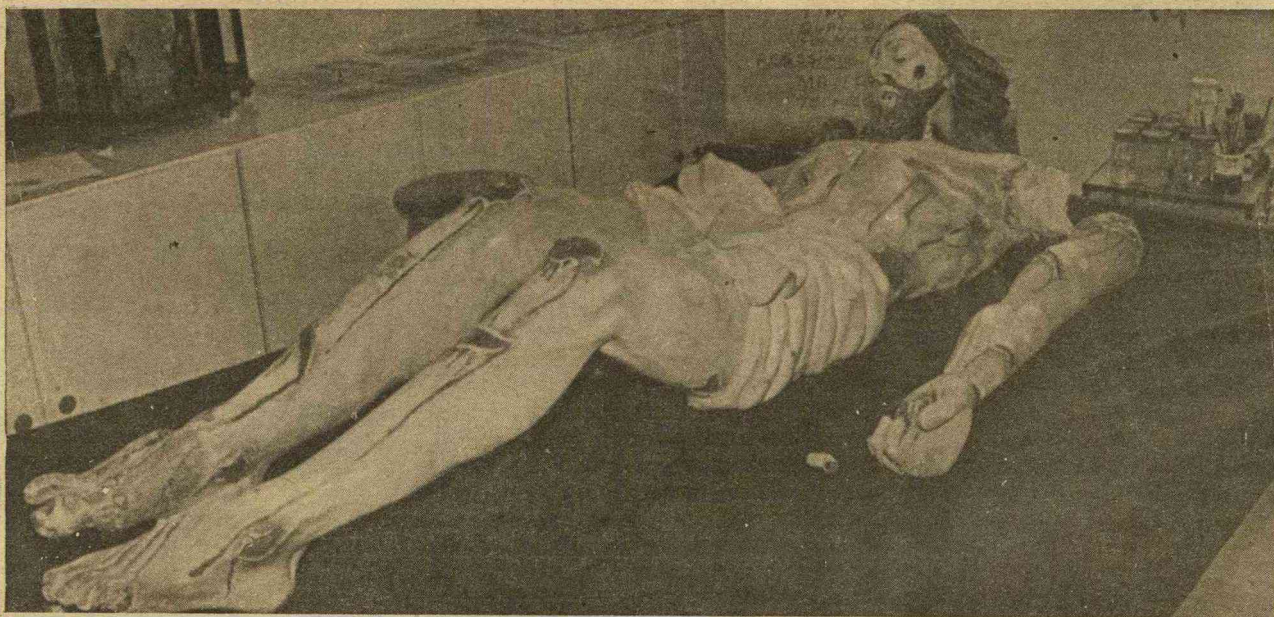
Por “condições”, deve-se entender equipamentos que propiciam uma certa tranquilidade que a restauração de uma peça requer; incluindo-se até mesmo dispositivos de segurança, como é o caso da câmara de imunização, uma caixa metálica usada para isolar os efeitos altamente tóxicos de determinadas substâncias que servem para matar os agentes biológicos. “Grande parte dos produtos usados são de origem cancerígena”, explica Hélio, citando o tricorileno, que em segundos corrói a pele humana. Além disso, a quinquilharia de armários velhos que o restaurador trabalhava foi substituída por novos balcões, onde hoje estão alojados instrumentos simples, mas importantes, como um aspirador de pó, fundamental à limpeza da sala, para evitar a serração da madeira.

Para que a oficina seja reconhecida oficialmente, no entanto, ainda é preciso cumprir outros itens. É o caso por exemplo, das radiografias que são feitas das imagens para localizar os pontos de desgaste interno. A radiografia é um instrumento muito importante quando a peça tem galerias internas distintas uma das outras. Atualmente, esta etapa do trabalho é feita no Itep e, aqui, a essência do trabalho de restauração guarda coincidências com a medicina. “O trabalho do restaurador é quase como o do médico, que vê o paciente quase a falecer e assiste à sua recuperação”, compara Hélio. De fato, na UTI das peças históricas, boa parte dos equipamentos — as espátulas — vêm da medicina odontológica, assim como os produtos usados, álcool etílico, xilol, etc.

Semelhança esta que deve se

intensificar quando o material recuperado é o couro. Mas essa especialidade, por enquanto, ainda faz parte dos planos de Hélio. Ocorre que ele é um dos 11 especialistas, entre 358 concorrentes, classificados no curso promovido pela OEA, em 1987, em Estância Velha, no Rio Grande do Sul. Um profissional de braços cruzados em um setor descoberto, apesar de ter referências e importância em diversos momentos da história brasileira, especialmente no Nordeste. Trabalho é o que não falta: para a montagem do Museu do Couro, item agendado pela FJA, seus serviços certamente se farão necessários, assim como na restauração do acervo em couro do Museu Câmara Cascudo.

Investigação. Atualmente, Hélio se encontra debruçado sobre peças como um Nosso Senhor Morto, da Catedral de Natal, uma Pietà, de São Gonçalo do Amarante, entre outros trabalhos. Quem imagina que seu trabalho consiste somente em perfurar, desmontar, remontar, pintar, dando uma nova lapidação às imagens, está enganado. O restaurador, para ser um bom profissional precisa mergulhar na obra que tem à sua frente, de uma forma quase total. Antes de começar o trabalho propriamente dito, deve fazer uma série de leituras da peça, sob a ótica estética, histórica, tecnológica e iconográfica. Uma documentação detalhada de toda a operação também integra o relatório que é feito ao final da primeira parte, onde todas as informações que se apuram sobre a peça estão contidas à maneira de um dossiê. A sequência prática da cirurgia também precisa ser registrada diariamente em informações que justificam o uso de determinadas substâncias. Feita a restauração, o resultado vai além de uma peça lustrosa, cujas marcas do tempo foram removidas: a documentação do Estado ganha, além da imagem material, o invólucro sócio-econômico e cultural da época e das condições em que a peça foi feita.



O Nosso Senhor Morto, uma das peças restauradas na FJA.

Foto Elias Gomes

Um Novo Olhar Sobre o Mesmo Objeto



O Forte dos Reis Magos visto pela lente de Ana Potiguar

“Ana Maria/ Chora de noite/
Chora de dia/ Chora até na
fotografia”. A menininha
detestava câmeras. Até o dia que
descobriu que podia ficar atrás
delas, lendo o mundo pelo olho
da objetiva. Encantou-se. Então
era assim: com um simples toque
de botão, o tempo congelado.
Escrita da luz. As visões de Ana já
não eram só suas. Ela abria uma
janela, ou talvez, uma fresta.
Paisagem insinuada em tom de
pele através da “lingerie”. É
Natal, tantas vezes documentada,
tantas vezes turisticamente
ataviada, que afinal se revela. Por
obra e graça do olhar de Ana. Co-
mo será que ela consegue?
Mistério.

Livia Mara Soares



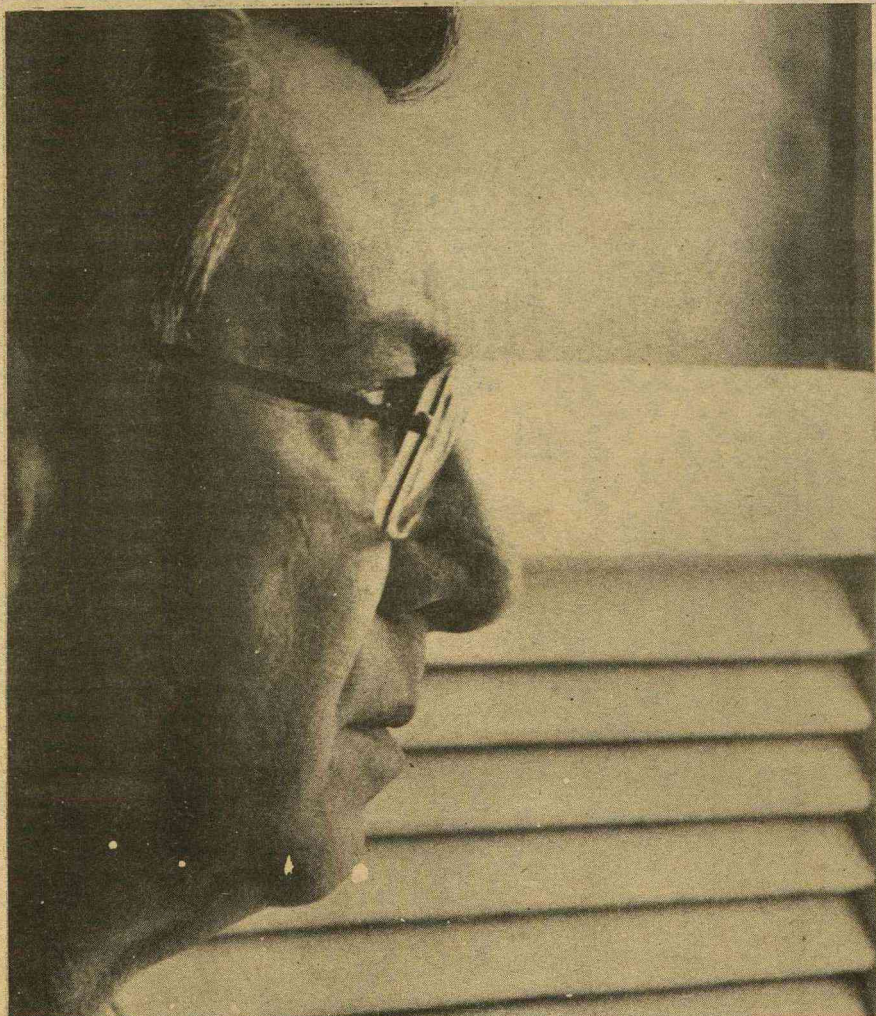
Ana Potiguar

CULTURA POTIGUAR: EIS A QUESTÃO.

(II)

Acredito que uma argumentação sobre a cultura potiguar, seja ela qual for, está necessariamente, incluída na questão brasileira e universal de hoje, é evidente que há peculiaridades da província que devem ser consideradas como fenômeno local irrepetível, às vezes, na própria região, mas permanecem aspectos menores de uma situação determinada, pela época, em todo o mundo ocidental ou ocidentalizado.

A crise de identidade, não só cultural no sentido das atividades do intelecto, mas no mais amplo, antropológico, isto é, a perda dos parâmetros, dos referenciais históricos, sociais, afetivos, políticos, éticos e estéticos não é, ao contrário do que pensam muitos "intelectuais conterrâneos", um fenômeno da cultura potiguar. Seria, acreditar nisso, além de um erro de perspectiva crítica, um de presunção desmedida. A crise local é parte daquela universal.



Franco Jasiello

Bastam, para exemplificar, o suicídio de Mishima, no Japão, a morte de Pasolini, praticamente um suicídio, na Itália, o fim melancólico de Althusser, na França, o desencanto de Fellini, em suas últimas obras. O vazio, o repetitivo, o tedioso panorama do consumismo absurdo e tirânico despersonalizando povos e indivíduos, a literatura, a arte, a vida. A miséria, em todos os sentidos, mostrando suas chagas antigas entre uma antena parabólica e o cartaz da última marca de cigarros, cheio de nádegas femininas e espuma marinha.

Uma vez situada a cultura do Rio Grande do Norte dentro da situação vivida pela cultura da época, pode-se dizer que, em termos gerais, excluindo alguns nomes e algumas obras, a produção cultural do RN oscila entre o sonho de uma vanguarda que nunca aconteceu e que, se tivesse acontecido, seria um fenômeno único na história dos movimentos de vanguarda - os quais, por definição, devem ser violentos, radicais e meteóricos, quando válidos, abrindo as portas e novas soluções (veja-se o único movimento de real vanguarda, deste século, o Dadaísmo) - com uma longevidade que se aproxima do quarto de século, e o pesadelo de um parnasianismo que continua acontecendo mesmo que, em certos casos, hipocritamente disfarçado. Entre esses dois extremos, alienados há algumas tentativas e realizações sérias de artistas que trabalham, estudam, percebem e, naturalmente, não fazem estardalhaço. Sua obra é campo de batalha constante e suficiente.

Existe o problema do mercado para a cultura. O Rio Grande do Norte é, sem dúvida, um dos Estados do Brasil com o mercado, para a produção cultural, mais reduzido. Infelizmente não só para a produção cultural. É um Estado pobre com renda "pro capite" baixíssima e a condição de penúria do mercado cultural está estritamente ligada à escassez de meios materiais. É preciso que os intelectuais se conscientizem disso. Não se pode pretender este Estado seja a Ática da época de Péricles ou a Toscana dos Médici, em termos culturais, se, em termos econômico-sociais, é preciso socorrer grande parte da população com

um plano de emergência.

Em resumo, a questão da cultura potiguar, apesar de tudo, é mais complexa do que possa parecer e o espaço, aqui, não permite uma análise mais profunda nem a verticalidade das conclusões, entretanto resta dizer que existe uma expectativa inquieta, entre os intelectuais e artistas das novas gerações, que é extremamente salutar. Existe a consciência, entre alguns intelectuais, com nome firmado na província de estarmos vivendo um período de **horror**, no sentido que Conrad deu a essa palavra, e isso é indispensável para a sobrevivência da cultura.

O resto são perenes, risíveis brigas e discussões literoéticas que, a não ser pelo sotaque, são as mesmas que se repetem, através dos séculos, em todas as províncias do mundo, onde se acredita que esteja situado o centro das questões cruciais da tragédia (e da comédia) humana.

FRANCO JASIELLO
Poeta

Falta de identidade, padrões importados, vanguardismos, etc, etc. São discursos tão importados e envelhecidos, que de tão banal, lugar comum, virou texto predileto daqueles que promovem e fazem a cultura deste Estado. Este é o ponto para onde convergem todas as discussões sobre arte e cultura no Rio Grande do Norte.

Infelizmente o RN, caracterizado por suas "briguinhas domésticas" e pretensões vanguardistas, sempre se vê às voltas com questões menores e, sem conseguir superá-las, que é o pior.

Um Estado que não tem uma formação cultural tradicional, conservadora, como os demais Estados do Nordeste, com um traçado urbano que confirma uma certa ousadia, por que não fazer desse sintoma de pioneirismo a semente da produção cultural, solidificando algo que parece persistir em ficar no ar servindo de retórica para "combates" gratuitos.

O projeto **Verão Com Poesia**, uma iniciativa pioneira no país, pode muito bem servir de exemplo. É preciso **fazer**, as perspectivas existem.

Não podemos continuar com essa retórica terceiro-mundista e nordestina, subestimando nosso potencial, com esse ceticismo crônico alimentando nossa felicidade.

É preciso ser absolutamente moderno. Rimbaud já o disse, eu apenas repito.

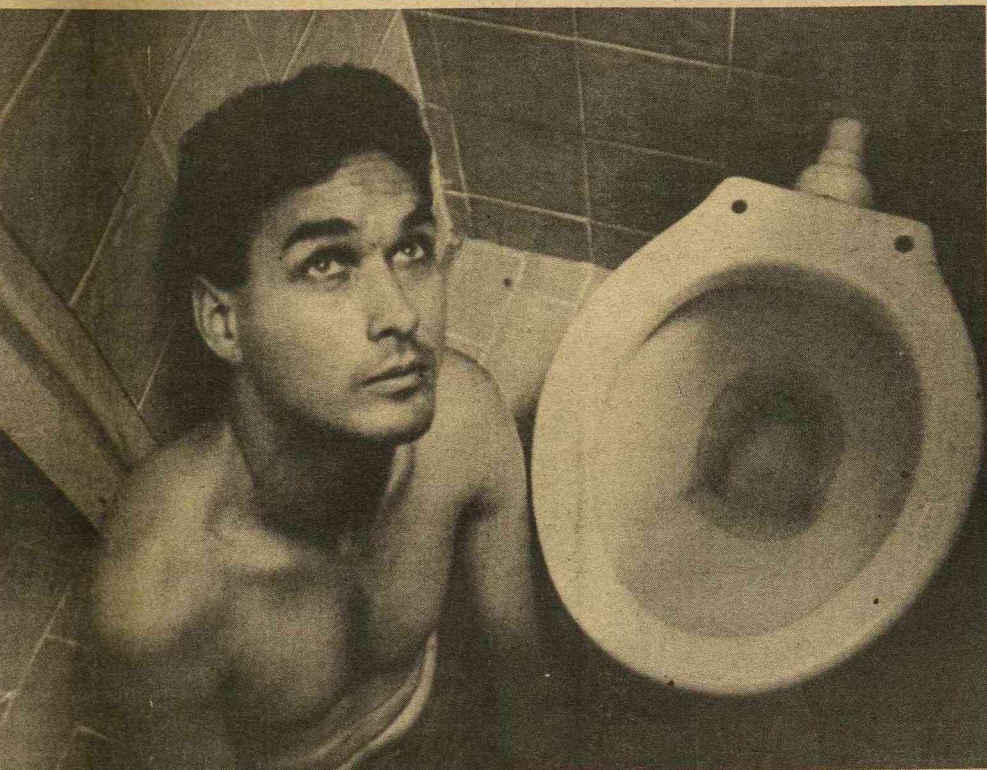
ERI FURTADO
Artista Plástico

"Ser ou não ser, eis a questão". O marasmo que brota da "ala alternativa". O fio da navalha cortando "os corações futuristas". Será que será? Um acerto. Talvez desacerto. É hora da barca virar. Nosso maior compromisso é nunca ter compromisso. Da minha parte não acredito em nada do que está por aí.

Eri Furtado

Foto cedida

Ma



Eri Furtado



João Batista Jr.



Foto cedida

Maria Lúcia de Amorim Garcia

Volonté

Ora, uma cidade com quase 700 mil habitantes, onde não se tem uma boa sala de cinema, um espaço de vergonha para show musical e um teatro que não suporta uma lotação de 1500 pessoas. Estamos à beira da falência. Por outro lado, nossos políticos quando são candidatos prometem vãos rasantes e na hora da flauta tocar tornam-se acadêmicos. Verdade ou mentira?

Estamos amordaçados. Quase todos os meios de comunicação e informação negam espaço para a cultura em geral. Não acredito em nonadas que está por aí, porque a minha dor "é uma dor canalha".

MANOEL FERNANDES
(VOLONTÉ)
Poeta

O movimento teatral potiguar, assim como nos demais Estados brasileiros, encontra-se ainda entre a fase de dormência e de agitação, não acreditando ainda na liberdade de expressão e do fazer, sofrendo com isso a sua produção artística, e so-

brevivendo de um passado recente, onde o nível de nossa produção teatral se igualava as dos demais Estados nordestinos e não ficava a dever no seu conteúdo e forma aos grandes pólos artístico-culturais do Brasil.

Durante o período da resistente fertilidade, alguns grupos locais alcançaram no cenário nacional, destaques importantes, conquistando prêmios importantíssimos para a história do teatro potiguar, destacando-se nessa época os grupos **Artistas Unidos, Teatro Novo Universitário, Teatro de Amadores de Mossoró, Grupo Aquarius e Grupo Expressão de Teatro**, responsáveis por grandes produções, onde destacaram-se artistas como Jesiel Figueiredo, Carlos Furtado, Jobel Costa, Lenício Queiroga, Tarcísio Gurgel, Racine Santos, Lauro Monte, Aécio Cândido e outros, que naturalmente passaram a ocupar espaços deixados por Meira Pires, Iedo Wanderley, Clarisse Palma, Sandoval Wanderley e mais alguns que tiveram uma participa-

ção importante no teatro norte-riograndense.

Porém, esse período de fertilidade só conseguiu resistir ao governo ditatorial dos militares, até o meio da década de 70, sendo que nos anos 77 e 78, alguns lampejos de resistências foram tentados pelos grupos **Expressão, TONUS e Aquarius**, que conseguiram através de muito esforço conquistar sete dos onze prêmios em disputa, no Festival Nacional de Teatro em Ponta Grossa, no Paraná, com os espetáculos "A Bicicleta do Condenado", de Arrabal, com direção de Carlos Furtado, "Apareceu a Margarida", de Roberto Athaide, com direção de Jobel Costa, e "O Assalto", de Zé Vicente, com direção de João Batista Campanholi. Todos esses espetáculos aconteceram no pior período para a cultura do Estado, já que imperava sem dar nenhuma importância para a cultura, um (des) governo que se caracterizava pela falta de uma política cultural.

Para que o nosso teatro volte a ter o brilho dos anos passados, é

preciso, antes de mais nada, que se tenha uma organização interna que se trabalhe o nível artístico e técnico dos trabalhos, e se tenha um compromisso com as mudanças, produzindo espetáculos coerentes com a sua realidade e comprometidos com a comunidade que o cerca.

JOÃO BATISTA JÚNIOR
Ator

O poeta Manuel Bandeira, em 1952, deslumbrado com poemas de Jorge Fernandes e Ferreira Itajubá, exigia dos norte-riograndenses que "arranjassem" com urgência a obra desses poetas. E nós cumprimos na íntegra a exigência do poeta? Hoje, "arranjamos" com facilidade a obra desses e de outros poetas da nossa Literatura? As dificuldades encontradas pelo estudioso-leitor são tantas e tão diversas que se faz urgente a preservação dos documentos históricos e literários do RN, catalogando-os, recuperando-os, microfilmando-os, republicando-os. Assim, contribuiremos para a transmissão de uma geração à outra de notícias, histórias, lendas, crenças, costumes, formas literárias e artísticas que constituem aquilo que nomeamos por tradição.

Cabe a nós, norte-riograndenses, dar significado a essa obra do passado que tem continuidade no presente. Precisamos conhecer a história para que possamos ler com olhos de modernos o nosso passado e descobrir a perspectiva do nosso artista, o movimento poético de que fez parte e suas relações com a tradição e a modernidade.

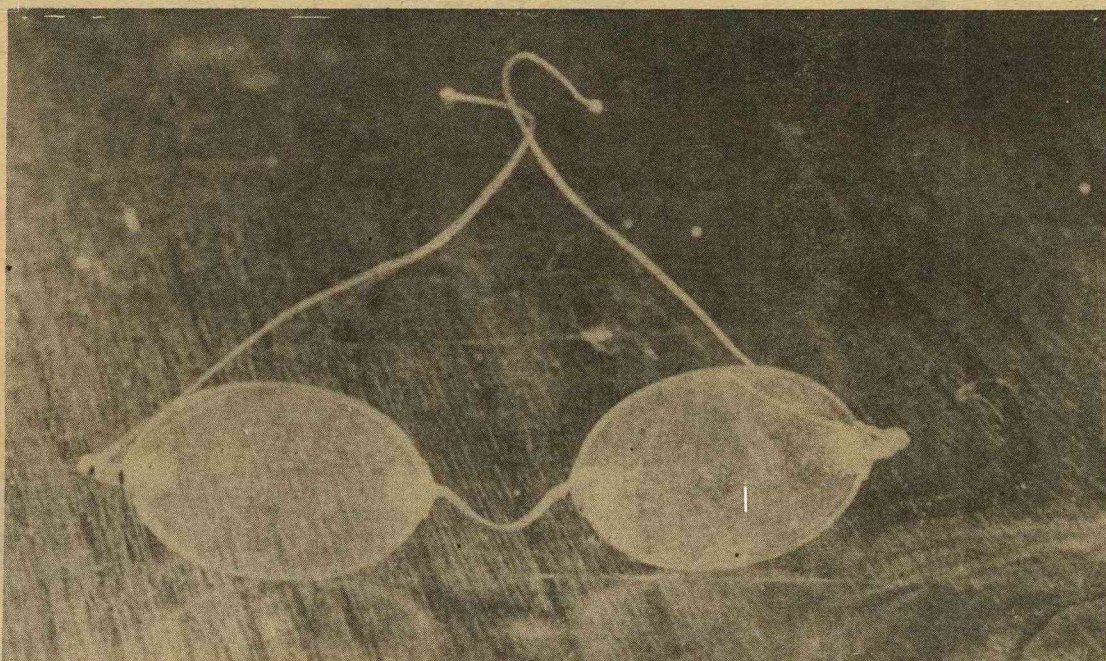
A obra de arte é um produto de "uma história de uma sociedade" semelhante a "uma máquina que produz anti-história", porque contradiz e transfigura o tempo, no dizer de Octávio Paz. Essa operação de inversões e conversões temporais que seduz o leitor está proibida para nós, leitores, impossibilitados que estamos de fruir textos que recontam, re-dizem, re-presentam os signos de nossa cultura norte-riograndense, porque as obras que nos pertencem são poder de poucos. É chegada a hora dessas obras saírem dos grilhões das bibliotecas particulares, deixando que todos nós sejamos prisioneiros-seduzidos da palavra-texto. E aí vivamos a viagem de nossa trajetória à procura da magia de uma linguagem nova dos que fizeram o nosso passado: Nísia Floresta, José Bezerra Gomes, Jorge Fernandes... E no presente a produção desses meninos com cara de modernos antropofágicos da palavra-poema que se vê auto-reflexivamente na obra de Francisco Carlos, João da Rua, João Gualberto... Cumpramos, pois, o nosso ofício de Leitores: arranjar, desvendar, divulgar as nossas obras de arte, ou os nossos documentos serão devorados pelas traças...

MARIA LÚCIA DE AMORIM
GARCIA

Professora de Teoria da Literatura e Semiótica da Arte da UFRN

PESSOA E SEUS FANTASMAS

Veríssimo de Melo



Nas CARTAS DE FERNANDO PESSOA A JOÃO GASPAR SIMÕES" (Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 2 ed. 1982) - encontramos informações curiosíssimas em torno do poeta português e seus fantasmas. Fenômeno único na literatura de língua portuguesa - e raríssimo na mundial - os fantasmas de Fernando Pessoa são os seus heterônimos, dos quais usou e abusou. Com três deles, principalmente, repartiu a sua produção poética: Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos. Bernardo Soares - diz o poeta - não foi um heterônimo, mas uma personalidade literária.

Na literatura espanhola, conhece-se o caso de Antônio MACHADO Y Ruiz (Sevilha, 1875- Collioure, 1939) - contemporâneo de Pessoa - que se serviu da heteronímia nos seus "Cancioneiros Apócrifos", com a obra do poeta e filósofo Abel Martín e de Juan de Mairena, poeta, filósofo e inventor da Máquina de Cantar. Também há outro caso singular - embora diferente - do filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard, que escreveu ensaios e livros sob pseudônimos diversos, tais como Victor Eremita, Johannes Olimagus, Anticlimacus, Johannes de Silentio, Virgilius Haufniensis, Hilaris Bookbinder, etc. Kierkegaard, contudo, escreveu obras com pseudônimos, o que difere bastante da heteronímia pessoana. Pseudônimo é nome suposto ou falso de determinado autor, cujo nome legítimo esconde ou disfarça. Heterônimo é outro nome de pessoa imaginária, a quem um autor atribui a autoria de certas obras, com características próprias, diferentes daqueles do autor verdadeiro.

Em seu livro "O HETEROTEXTO PESSOANO", José Augusto Seabra lembra como Pessoa

concebeu cada heterônimo, segundo modelos de referência: Horácio e Epicuro para Reis, Whitman e Martinelli para Campos, Cesário Verde e Pascoaes para Caeiro. Recorda também Seabra características filosóficas de cada heterônimo, conforme palavras do próprio poeta: "...Caeiro está à procura da sensação das coisas tais como são sentidas". E Ricardo Reis encontra na "disciplina do classicismo um equilíbrio das duas atitudes, que é o seu neo-paganismo. "Maria Aliete Galhoz acrescenta que Álvaro de Campos é o poeta do quotidiano, do efêmero, do real exterior e intimista."

O momento supremo da criação dos heterônimos - ou, como ele chamou, o seu "dia triunfal" - está registrado em depoimento célebre do próprio punho de Fernando Pessoa, conforme assinala Eduardo Lourenço no seu livro "FERNANDO, REI DA NÓSSA BAVIERA" (Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1986): "Num dia em que finalmente desistira (da criação voluntária dos outros poetas) foi em 8 de março de 1914- acerquei-me de uma cômoda alta, e, tomando o papel, comecei a escrever, de pé, como escrevo sempre que posso. E escrevi trinta e tantos poemas a fio, numa espécie de êxtase cuja natureza não conseguirei definir. Foi o dia triunfal de minha vida e nunca poderei ter outro assim. Abri com um título, "O GUARDADOR DE REBANHOS". E o que se seguiu foi o aparecimento de alguém em mim, a quem dei desde logo o nome de Alberto Caeiro. Desculpe-me o absurdo da frase: aparecera em mim o meu mestre. Foi essa a sensação imediata que tive. E tanto assim que escritos que foram esses trinta e tantos poemas, imediatamente peguei noutro papel e escrevi, a fio, também, os seis poemas que cons-

tituem a "Chuva Oblíqua", de Fernando Pessoa. Imediatamente e totalmente. Foi o regresso de Fernando Pessoa Alberto Caeiro a Fernando Pessoa ele só. Ou melhor, foi a reação de Fernando Pessoa contra a sua inexistência como Alberto Caeiro. Aparecido Alberto Caeiro, tratei logo de lhe descobrir - instintiva e subconscientemente - uns discípulos. Arranquei do seu falso paganismo o Ricardo Reis latente, descobri-lhe o nome, e ajustei-o a si mesmo, porque nessa altura já o via. E de repente, e em derivação oposta à de Ricardo Reis, surgiu-me impetuosamente um novo indivíduo. Num jacto, e à máquina de escrever, sem interrupção nem emenda, surgiu a "Ode Triunfal", de Álvaro de Campos - a Ode com esse nome e o homem com o nome que tem. Criei, então, uma coterie inexistente. Fixei aquilo tudo em moldes de realidade. Graduei as influências, conheci as amizades, ou vi, dentro de mim, as discussões e as divergências de critérios, e em tudo isso me parece que fui eu, criador de tudo, o menos que ali houve. Parece que tudo se passou independentemente de mim. E parece que assim ainda se passa. Se algum dia eu puder publicar a discussão estética entre Ricardo Reis e Álvaro de Campos, verá como eles são diferentes, e como eu não sou nada na matéria".

Embora Fernando Pessoa tivesse declarado que os fenômenos da heteronímia não se manifestavam na vida prática, exteriormente, João Gaspar Simões, na conferência a respeito da revista "Presença", confessa algo impressionantemente discordante. Tendo ele e Carlos Queirós marcado encontro com Fernando Pessoa no café lisboeta "O Montanha", ali ocorreu fato extraordinário: "...em vez de compor pessoalmente à entrevista. (Fernando Pessoa) enviara uma ter-

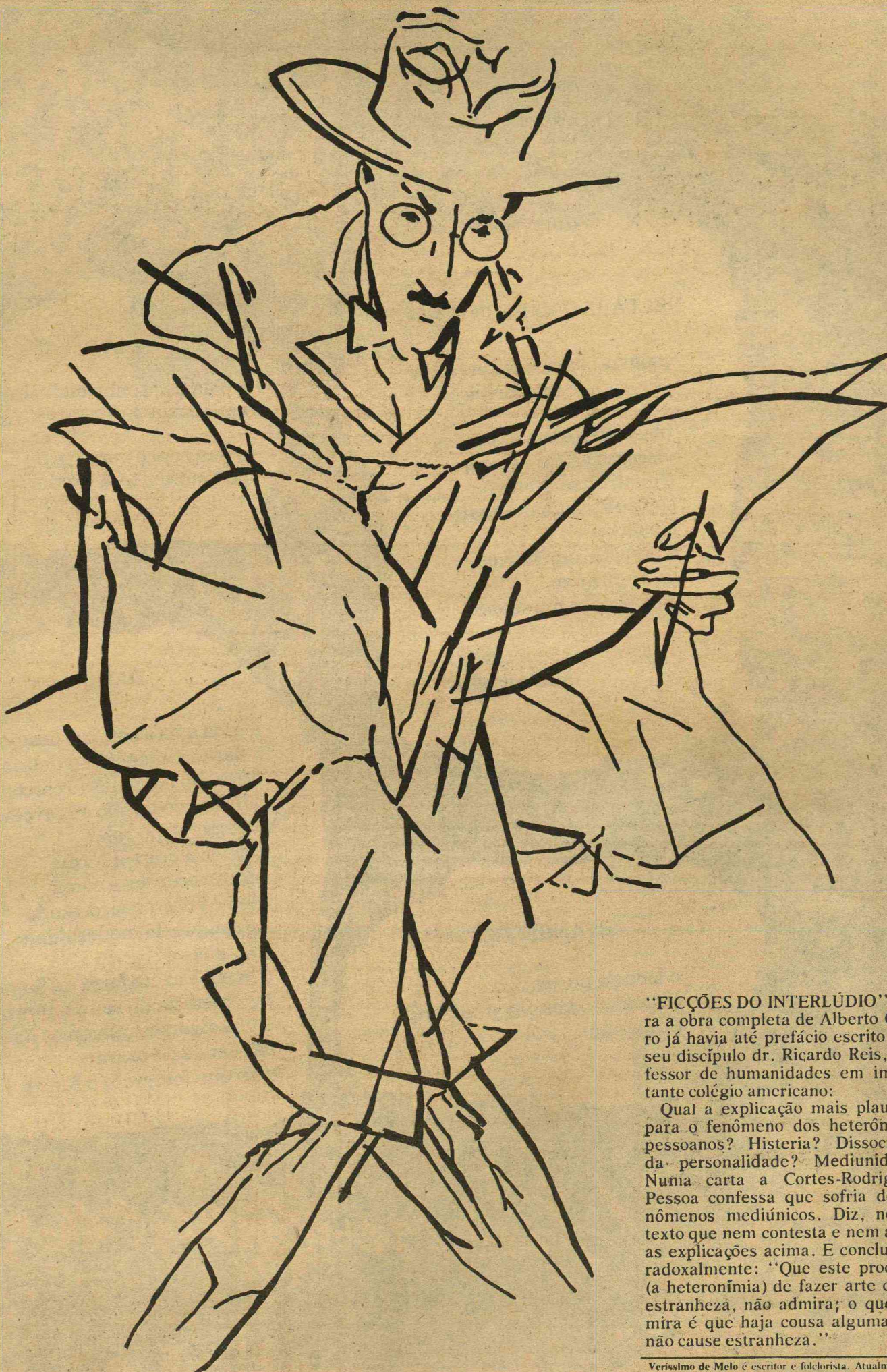
ceira pessoa: nem mais nem menos que o sr. Engenheiro Álvaro de Campos!" Isto é, não o Pessoa que já conhecia de outros encontros, mas "uma sofisticada personalidade, régio, sutil e até mesmo socrático no seu trato com intelectuais." Do que se conclui que os heterônimos - pelo menos em alguma vez - funcionavam não só na escrita de Pessoa, mas na própria convivência diária, como se fosse personagem de teatro! O que realmente é estranho e incrível.

Para mostrar a inteira independência das personalidades dos heterônimos - que às vezes contraria os próprios princípios de Pessoa - ele dá o exemplo do oitavo poema do "Guardador de Rebanhos", de Alberto Caeiro, que o escreveu "com sobressaltos e repugnância, com sua blasfêmia infantil e anti-espiritualismo absoluto". E frisa: "Na minha pessoa própria, e aparentemente real, com que a uso social e objetivamente, nem uso de blasfêmias, nem sou antiespiritualista".

O surgimento de heterônimos em Pessoa - sua tendência para fenômenos de desdobramentos da personalidade - vem da infância. Já aos seis anos de idade ele recordava um certo **Chevalier de Pas** - que seria o primeiro. Seus críticos e intérpretes lembram muitos outros heterônimos pessoanos, como os ingleses Charles Robert Anon, pensador; Charles e Alexander Search, que escrevia versos em inglês na juventude de Pessoa; o charadista A. A. Cross e o divulgador dos feitos lusitanos na Inglaterra, Thomas Cross; o francês Jean Seul de Meluret; Vicente Guedes, a quem se atribui inicialmente a autoria do "LIVRO DO DESASSOSSEGO", antes de Bernardo Soares; Raphael Baldaya, astrólogo; Antônio Mora, o teórico do movimento neo-pagão; David Merrich ou Pero Botelho; o Barão de Teive, além de outros - todas essas figuras, como ele disse, "minhamente alheias".

Também é surpreendente Fernando Pessoa ter anunciado até a data de nascimento de alguns dos seus heterônimos e a forma como de sapareceram ou morreram. Alberto Caeiro, por exemplo, "faleceu" em 1915 e Ricardo Reis, por motivos políticos, emigrou para o Brasil e não mais se falou nele... A não ser no fantástico romance de José Saramago, "O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS", (Editorial Caminho, Lisboa Ed., 1984) no qual Ricardo Reis regressa a Lisboa e tem ali encontros e debates patéticos com Fernando Pessoa, já morto há pouco tempo. Coisas e falas de arrepiar os cabelos...

Fernando Pessoa tencionava reunir todos os seus poemas heterônimos num livro sob o título de



"FICÇÕES DO INTERLÚDIO". Para a obra completa de Alberto Caeiro já havia até prefácio escrito pelo seu discípulo dr. Ricardo Reis, professor de humanidades em importante colégio americano:

Qual a explicação mais plausível para o fenômeno dos heterônimos pessoanos? Histeria? Dissociação da personalidade? Mediunidade? Numa carta a Cortes-Rodrigues, Pessoa confessa que sofria de fenômenos mediúnicos. Diz, noutro texto que nem contesta e nem apoia as explicações acima. E conclui paradoxalmente: "Que este processo (a heteronímia) de fazer arte cause estranheza, não admira; o que admira é que haja cousa alguma que não cause estranheza."

Veríssimo de Melo é escritor e folclorista. Atualmente é o presidente do Conselho de Cultura do Rio Grande do Norte.

DECLARAÇÃO DE INTENÇÕES

palavra: eu não sei escrever.
mas preciso.

plasma artérias músculos
vísceras veias: escrever
é dentro? se escrevo
sou eu? a mim me basta
a palavra
o precário equilíbrio
da linguagem
meu espaço mundano?

palavra: eu só sei sentir.
mas escrevo.

ANA C.

a palavra, sonho malbaratado
em oficina de horrores

quem com o verso se fere,
que mortes terá vivido?

DANÇA

a nota a rota sempre desviada
a dança lancinante o delírio
do verbo incendiário carcomendo
o tecido do tempo engavetado
o corpo carpo solar
caleidoscópica a forma
acorda acordes e cores
átomos barrocos jorrando
no sangue da modernidade
psicodélica
o poeta Cae na farra da linguagem
hiperestesia do ser em movimento
pelos diversos universos da canção
nave-mãe do prazer
olho que fotografa o futuro

EVANGELHO

o lodo da poesia
esfregue-o nos olhos obtusos
do mundo

Adriano de Souza

Adriano de Souza é jornalista e poeta. "Esconde-se" atualmente no Distrito Federal, sob o fascínio do Planalto.

Natal de Ontem Numa Revista

Manoel Onofre Jr.

Uma revista dos bons tempos: "Cigarra". No meio de uns papéis velhos, na estante do avô, lá estava ela. Meio roída pelas traças, e com esse cheiro característico de papel guardado há muito tempo. Valeu a pena passar uma vista pela antiga publicação. Tive por instantes a impressão de uma época já longínqua e bem diferente dos dias atuais.

"Cigarra" foi fundada em novembro de 1928, por Adherbal França (diretor), Edgard Barbosa (secretário) e Ademar Medeiros (gerente).

O que primeiro admira na publicação é a sua qualidade gráfica. Bom papel, clichês nítidos, gravuras. Depois, o nível literário, que se pode considerar bom. Na "Cigarra" colaboravam Jorge Fernandes, Antonio Bento, Câmara Cascudo, Palmyra Wanderley, Othoniel Menezes, Esmeraldo Siqueira, Lauro Pinto. Todos, em início de carreira, tornaram-se, mais tarde, nomes famosos nas letras da província. Um deles, Antonio Bento, é hoje crítico de arte com renome nacional, e mora no Rio. Outros colaboradores, aliás assíduos, como Octacílio Alecrym, Damasceno Bezerra e Virgílio Trindade, caíram no esquecimento.

Adherbal França, o jovem diretor, escrevia crônicas, amenidades, sob pseudônimo Danilo. Já Edgard Barbosa inclinava-se para assuntos sisudos, em artigos — "A Atualidade de Judas", "A Inutilidade Irônica da Glória", etc. — nos quais se afirmava o estilista de "Três Ensaícos".

Fotos em quantidade valorizam o visual da "Cigarra". Algumas são poses, soltas, sem ligações com o texto. Juvenal Lamartine, austero, sereno. O Senador José Augusto, de bigodinho. Dr. Varela Santiago, idem. Dom Marcolino Dantas, Exmo. e Revmo. Bispo Diocesano, importante que só ele. Em compensação muitos e variados retratos de moças bonitas: sorrisos, franjinhas, olhares de mormaço. Aqui, acolá, de mistura, uma vista, um cartão postal da cidade: o Palácio do Governo, o Teatro Carlos Gomes (atual Alberto Maranhão), o prédio da Irmandade dos Passos, coisas de orgulhar. Reportagens fotográficas ocupam páginas inteiras. Enfocam acontecimentos importantes na vida da cidade como, por exemplo, a inauguração do "Stadium Juvenal Lamartine" e "a brilhante vitória do ABC em Fortaleza". Num

flash, Arturo Ferrarin e Carlo del Prete, célebres aviadores italianos, fazem pose ao lado do Comandante Djalma Petit, do Aero Clube. Noutra página flagrantes da festiva recepção aos dois pioneiros do ar, que haviam realizado o **raid** Roma-Natal.

Vivia-se então — vale frisar — num clima de "efervescência aviatória". A propósito, vejamos o que diz "Cigarra":

esse ambiente de excepcional interesse por questões tão relevantes, que, podemos dizer, se estende, neste momento, por todo o Estado.

Vários municípios já construíram seus campos, obedecendo a requisitos técnicos. Outros procuram levar a efeito com a possível urgência esse melhoramento. (.....)

"Merece especial destaque, na campanha em favor da aviação que ora se faz entre nós, o papel

A senhora Marilda O'Grady era Miss Rio Grande do Norte, em 1928. Já naquele tempo havia isto de miss. Aparece ela numa fotografia, descendo, "com o seu sorriso fascinante", do avião da **Compagnie Aeropostale**. Por sinal, inúmeros são os clichês estampando gente que desembarca de avião. Sinal de prestígio viajar de avião...

Governava o Estado Juvenal Lamartine. E a revista anunciava os cigarros "Lamartine". "os melhores porque são elegantes e de confecção aprimorada".

"A formosa praia de Areia Preta tem ocasiões em que é o lugar mais sedutor da cidade". Lá está em preto e branco a praia, servindo de cenário a umas banhistas com maiô quase até aos joelhos.

"Paris em Natal", uma das lojas chiques, acabava de receber "as últimas novidades em voiles suíços lisos e estampados, crepes de seda radium e georgette".

A Alfaiataria Brasil, de Pelino de Mattos, oferecia casemiras estrangeiras e nacionais. Sapatos? — Fox, "reconhecido até nas regiões polares como o melhor calçado do mundo".

Havia três cinemas — Polytheama, Royal e Carlos Gomes (cine-teatro) — naquela Natal de 35 mil habitantes. Passavam fitas sensacionais: "O Calouro", em que aparece a figura universalmente aplaudida de Harold Lloyd"; "Escravos do Volga — (classe insuperável) por Maria Maris"; "Poliana — super da United, com a encantadora e insuperável estrela Mary Pickford"; "A Mulher Enigma", pela estrela brasileira Lia Torá"; "Espadas e Corações — da Metro, com Joan Crawford e Tom Mac Coy"; outros sucessos.

"Em Natal havia um verdadeiro desânimo. As fitas eram comédias insípidas, aventuras batidas, dramas líricos insuportáveis. Houve, afinal, uma reação. E os efeitos estão se vendo".

De tudo que há na "Cigarra", destacam-se, pelo seu valor artístico, os desenhos de Erasmo Xavier, ilustrando textos e capas. Erasmo, um potiguar residente no Rio, "tem sido um dedicado e excelente amigo desta revista. Os seus desenhos, dados com desinteresse e espontaneidade, têm trazido para CIGARRA uma feição que ela tanto exige para o seu êxito."

Manoel Onofre Jr. é escritor. Estudioso da literatura norte-riograndense.



"É de incontestável relevo a atuação que o Rio Grande do Norte vem desempenhando em favor da aviação no Brasil, atuação já hoje corporificada em atos e em empreendimentos de que nos podemos ufanar."

"Trazendo para o governo sólidas idéias acerca da importância do movimento aviatório no país e tornando-se um propulsor de iniciativas nesse terreno, o atual chefe do governo criou em torno de si

do Aero-Club do Rio Grande do Norte, agremiação que reúne atualmente sob a sua bandeira e os seus ideais a elite da sociedade natalense, no que esta representa de melhor em esforço, devotamento à terra e espírito progressista."

Além destes fatos históricos, "Cigarra" documenta outros aspectos de então — coisas não registradas pela História, mas que têm importância para o conhecimento da terra e da gente.

A maioria de um período que passou

(?)

(1964-1988)

Socorro Trindad

Na época, alguém um dia me falou: "Alegra-me pensar que esta situação desprezível que se vive hoje é apenas **momento** de um processo... Pode durar um ano, dois, três, dez, vinte, cinquenta, mas um dia mudará. E quando mudar eu quero estar vivo para olhar para trás e dizer: sim, era **momento** de um processo que passou". Agora eu pergunto: e quantos restaram? Quem irá contar o seu número? Quem irá pagar pelo estrago?

Nós fazíamos literatura...

O que representa para a história da literatura brasileira hoje a produção ficcional dos anos 70? Um amontoado de textos que pouco ou nada dizem do que se viveu na época ou podemos atribuir-lhe o papel de resistência formal ao Estado pós-64? Numa primeira leitura dessa produção realizada durante o regime militar é fácil detectar obras que se situam claramente num e no outro lado. O divisor de águas está exatamente no enfoque dado pelos autores dos anos 70 à sua obra literária, representada por trabalhos que denunciavam abertamente todo um estado de coisas porque vinha passando o Brasil e os brasileiros naqueles duros tempos - o que, sem sombra de dúvida, a coloca como parte integrante da chamada cultura de

resistência. Mas falar de resistência significa dizer de uma força que se opõe a outra; ou de uma oposição ou **reação** a uma força opressora. Falar, pois, da produção literária da geração 70 significa dizer de uma resistência que foi, ao mesmo tempo, uma força e uma oposição a outra força opressora. A intenção de resgatar essa produção, contudo, demonstra que esta resistência foi deveras limitada em função dos problemas: 1) o sistema dominante sempre propõe representações culturais sistematizadas; e 2) a revolta cultural a essa sistematização do poder se apresentou de forma espontânea, desorganizada e, na maioria das vezes, alternativamente. Em virtude disso, analisar o período e, nele, a atividade literária, pressupõe que se estabeleça a relação existente entre o Estado de Segurança Nacional e a produção artístico-cultural, considerando aí a política de terror encetada pelos governos militares, institucionalizando a censura e até a tortura e a morte, para então poder enquadrar tudo e todos, especialmente os chamados "inimigos internos", na legislação autoritária e repressiva que passou a vigorar no país a partir daquele fatídico ano de 1964, autodotando os seus governantes de poderes ilimitados. Neste confronto de forças, que resultaria numa luta desigual para

os escritores (e os artistas em geral), faz-se necessário ressaltar ainda as contradições engendradas pela censura em relação às suas concepções estéticas, e a partir daí definir até onde a resistência cultural - através da representação formal de livros, periódicos, peças de teatro, músicas, filmes, exposições, etc - foi esgotada ou se esgotou em consequência das ordens, contra-ordens e decretos.

A Literatura. Nesse quadro institucional de exceção, inscreveu-se a literatura. Se se considerar o aspecto de repressão e censura da época, diríamos que escrever significou de fato um ato de resistência; escrever e publicar foi resistir duas vezes, pois se configura aí uma força resistindo a outra força opressora. Para melhor situar essa **resistência** dos escritores pós-64, procuraremos incluí-los dentro das seguintes leituras: 1) Leitura da "realidade nacional" e 2) Leitura da "realidade brasileira". No cômputo da "realidade nacional" figurou uma primeira leva de escritores que, direta ou indiretamente, estavam comprometidos com o regime, e são eles que realizam uma literatura memorialista, tipo reminiscência, gênero que não os incompatibilizavam com o Estado nem com a política cultural do novo governo. Trata-se de

uma literatura que resgata o passado ou joga com o atemporal; o presente, para estes autores, é completamente suprimido; e o futuro, eles demonstram não se importar com o futuro. Muitos desses escritores poderiam ser encontrados em diversos cargos de confiança do governo, ou integrando o grupo cultural do então Ministério da Educação e Cultura. Afora os que já morreram, a maioria deles ainda hoje ocupa os seus antigos postos. Por outro lado, uma nova geração de escritores assume o presente e passa a retratá-lo dentro de uma perspectiva de "realidade brasileira". Esses escritores aparecem e/ou se firmam na década de 70, coincidindo com o **boom** da literatura hispano-americana em 1975. A literatura feita por estes autores, sobretudo os contistas (a época quase não revelou romancistas) é do tipo denúncia, aponta as arbitrariedades e violências do poder, demonstra aberta e formalmente a sua aversão pela repressão e censura, expõe as péssimas condições em que vive o povo, traz à tona questões ligadas à mulher, ao negro, ao homossexual, à política do corpo, enfim levanta os problemas e os dramas da própria geração, porém acreditando que haverá um novo dia.

Trata-se de uma prosa que dá ênfase à forma e ao conteúdo, valendo-se da metáfora, do símbolo

e da alegoria, para transmitir a sua mensagem engajada com o momento, e se tornam imediatamente verdadeiros depoimentos de época. A influência da técnica cinematográfica de corte, descontinuidade, superposição de imagens, etc, é notória em muitos desses autores, que trabalham o experimental. Assim como são frequentes em diversas narrativas a técnica jornalística. Alguns deles recorrem à intercalação de fatos reais (e até históricos) com elementos puramente ficcionais. Outros enveredam pelo caminho do realismo fantástico, demonstrando a participação brasileira nessa corrente que explode. nessa mesma fase, na América Latina. Há uma preocupação com a temática **local, regional e nacional** (aqui brasileira) para situar o homem dentro do seu processo histórico. Nessa linha de considerações, diríamos enfim que a literatura brasileira dos anos 70 (incluindo aí os remanescentes dos anos 60) trocou a vanguarda européia pela literatura de cunho **nacional** dos hispano-americanos Cortázar, Borges, García Marques, Carpentier, Roa Bastos e outros. Sendo que estes nomes se tornaram "internacionais" e a prosa brasileira continua a ser a excelente desconhecida.

Quando à publicação de seus trabalhos, os escritores da geração 70, com raras exceções, iniciaram a sua carreira literária se auto-

editando em livros mimeografados ou compostos em gráficas particulares; ou antes em jornais e revistas, que eles próprios organizavam, editavam e os faziam circular; ou ainda em antologias, organizadas pelos participantes ou que reuniam os vencedores de concursos literários, especialmente os contistas. Mas logo em seguida, eles conseguiram furar o cerco, saindo-se publicados por editoras comerciais, com tiragem de três mil exemplares e distribuição nacional. Júlio César Monteiro Martins, Luciene Samôr, Luiz Fernando Emediato, Domingos Pellegrini Jr., Caio Fernando Abreu, Socorro Trindad, Tânia Faillace, Silvio Fiorani, Roniwalter Jatobá, Maria Amélia Melo, Sônia Coutinho, Edla Van Steen, Renato Tapajós, Jefferson Ribeiro de Andrade, Márcia de Almeida, Carlos Emílio Correa Lima, Ailton Monte, Eulício Farias de Lacerda, Gilmar de Carvalho, Tarcísio Gurgel, Elias José, Haduan Nasser, Sérgio Sant'Anna, Nagib Jorge Neto, Ivan Ângelo, João Antônio, Antônio Torres, Roberto Drummond, J. J. Veiga, Ignácio Loyola de Brandão, Luiz Vilela, Políbio Alves, Rubem Mauro Machado, Miguel Jorge, Deonísio da Silva, Rubem Fonseca, Antônio Callado, Murilo Rubião, Mario Pontes, Antônio Fraga, Francisco Sobreira, José Louzeiro, Aguinaldo Silva, Fausto Cunha, Salim Miguel e muitos outros (perdoem-me a

omissão) saíram publicados por editoras, tais como: Ática (ex-Coleção Autores Brasileiros), Civilização Brasileira, Codecri, Moderna, Global, Globo, Francisco Alves, José Olympio, Nova Fronteira, Record e algumas menores que surgiram na época: Edições Populares, Cultura, Vertente, Símbolo, Clima, etc.

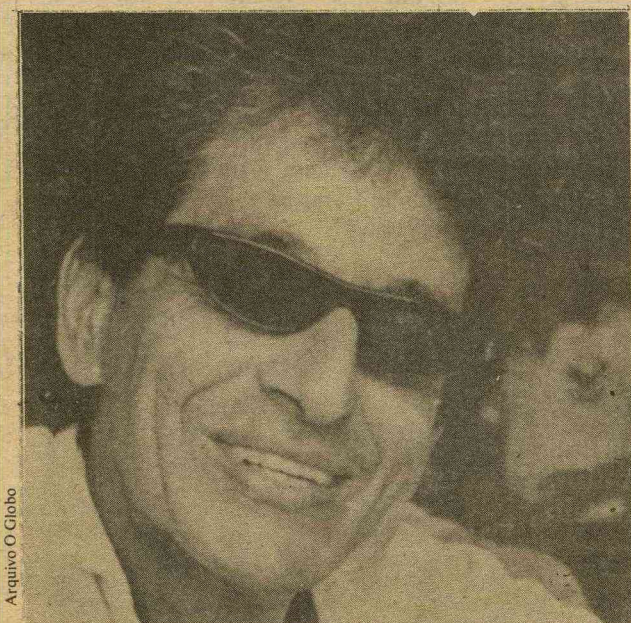
Mas com a anistia e a volta dos exilados e presos políticos, juntaram-se àqueles um novo grupo de escritores. É a vez do livro desembarcando pronto no aeroporto do Galeão ou saindo semi-editado dos cárceres. Afora os textos de filosofia política e sociologia, apareciam aí os livros de não-ficção que tratam de casos de tortura, histórias vivenciadas no exílio, abusos dos direitos humanos, a questão da censura, relatos heróicos de ex-guerrilheiros, depoimentos pessoais e de época, enfim um contingente imenso de títulos editados sem a devida revisão histórica do golpe e do Estado pós-64. Naturalmente, dessa leva têm-se algumas obras que se destacam da avalanche de publicações sobre o tema, a exemplo de **Que é isso, companheiro?**, de Fernando Gabeira; **Cartas de Frei Beto**, deste autor; **Memórias**, de Gregório Bezerra; **Tempo de Arraes**, de Antônio Callado; **Da Coluna Prestes à Queda de Arraes**, de Paulo Cavalcanti; e mais alguns. Novos títulos continuam hoje a sair e continuarão por algum tempo ain-

da.... É natural e achamos válido que tais trabalhos, ficcionais ou não que resgatam o período pós-64, continuem a ser produzidos e publicados, para que se esgote o tema e daí resulte um balanço o mais aprofundado possível do que se viveu... E também para que as novas gerações tomem conhecimento da nossa. Detalhe significativo é que esta produção traz a assinatura de seus próprios protagonistas. Mas, de modo geral, os escritores da década 70 se tornam eles mesmos os arautos da geração 70.

Constituiu-se exemplos do movimento de resistência pós-64, além das posições isoladas dos escritores através de suas obras, as manifestações Poema-Processo, Mail Art ou Arte Correio, Movimento Alternativo de Poesia, Laboratório de Criatividade do MAM carioca... E mais o quê?

A longo prazo, a dor da repressão diária acabou sendo mais forte do que a dor da tortura. Eis aí porque defendemos a hipótese de que só o fato de (sobre)vi-ver foi resistir. Mas em que pese a impotência diante das forças de repressão, a literatura conseguiu manifestar-se, tornando-se uma resistência real e visível, e os escritores deram o seu recado.

Socorro Trindad, escritora e jornalista.



Fernando Gabeira



Sérgio Sant'Anna



Tarcísio Gurgel



Edla Van Steen

O Tao da Terra ou Cajus Parabólicos

Wellington Dantas

As lentes captam múltiplas imagens, contudo só o significante permanece na memória. O fim do século é uma enxurrada de informações e cabe à mente sã reter o que frutifica. As esterilidades, vãs, vão em camisinhas de força para as latas de lixo da História.

Pois bem, da minha recente passagem por essa Vila do Sol, em meio à profusão de produções culturais, restou viva a imagem de alguns poucos santos sozinhos em seus cantos (de casa e fazendo milagres).

À parte os "pastiches" pretensamente portinarianos de velhos e novos pintores da Corte ou, ainda, o primitivismo made by classe média sem nenhuma autenticidade ou "glamour", ressaltam, no entanto, às retinas sensíveis, trabalhos de inteligência e técnica louváveis, como o são alguns dos "negrinhos" de Diniz Grillo, de 1986 - uma série hiperrealista retratando menores carentes que, diga-se de passagem, quando da exposição ficou totalmente encalha-

da, sendo adquirida posteriormente por um "marchand" local para repasse... Uma família de bem jamais poria em suas paredes, por exemplo, uma menina que, de tanta fome, se transfigura em mater dolorosa com dentes cariados à mostra. Assusta, estarrece, incomoda. Emociona. Figuras pintadas como se fossem retratadas no lambe-lambe ou extraídas de álbum de delegacia. Domínio de técnica a gerar impactos desconcertantes.

A linguagem pop aliada ao expressionismo alemão dá os seus tons precisos em certas telas do Marcelus Bob. O motoqueiro na lama se projetando contra a borrasca do infinito e os andróides são prova de que, na curva do mundo, há antenas da raça traçando e emitindo ondas novas, em sintonia com a contemporaneidade.

Das conversas havidas com Ítalo Trindade, a certeza de que continua elaborando suas delicadezas plásticas, resultado de um trabalho raro de pesquisa de cor, textura, ritmo e forma. Um artista sem concessões, à margem de modismos, centrado em um universo abstracionista

gestual rigoroso. Da sua pesquisa sobre a cor e a textura dos materiais, resultou um dos trabalhos mais belos das plásticas potiguares, intitulado Cromos-Espectros.

O talento de Godeiro Júnior para a fotografia se mostra com toda expressividade na série da máscara mortuária com "trenchcoat" e castiçais, tendo como cenário um sobrado abandonado nas imediações de Parnamirim. Clima "noir" obtido não só dos elementos da composição, mas sobretudo da mestria com que o artista trabalhou a oposição luz-sombra. Inspiração - inconsciente talvez - de Murnau, a série tem como eixo um trípico em que a máscara ora está sobre uma cama de estilo pesado, ora sobre uma penteadeira cujo espelho a reflete em imagens repetidas, ora adquire a dimensão de um Nosferatu ad infinitum.

O asceta cético Eli zomba da seriedade, fazendo versos de peso, porém com o charme da despreensão. Linguagem preliminarmente objetiva, mas que, para um leitor com acuidade, gera múltiplos signos, quando não apenas dois paradoxais, que se

completam e se anulam mutuamente. Um exercício de inventividade para o autor, de descoberta para o leitor. **Verbi gratia:** "alegria rápida veio numa guirlanda" (da leveza inicialmente sugerida a uma morbidez deduzida da livre associação de idéias, o riso num salto veloz/trágico toca o suicídio - conversation between intelligent men, como diria Augusto de Campos).

A Volonté, valho-me da defesa de Mallarmé, feita por Valéry quando línguas torpes e de trapos acusaram aquele de esterilidade - para eu afirmar com minhas próprias palavras: no silêncio do acre bárbaro, a expressão de uma ética.

De Marize Castro, a sempre renovada confirmação de que sua poesia, com impressionante poder de síntese, em pouco diz tudo de tudo. Com muito estilo. Muito é muito pouco. E de João da Rua resulta-me o desejo de melhor conhecer seu trabalho, pois do muito pouco que já captou minha antena sobre ele, fica a impressão de que o mulato ora falado também é uma antena.

Dá raça!



Wellington Dantas é poeta e artista plástico. Exilado em Brasília, "camuflado" em burocrata.

Se eu tivesse que resumir a experiência daqueles anos, eu diria que foi a primeira tentativa de aterrissar um homem na terra.

(Abbie Hoffman).

A imaginação não tomou o poder nem a sociedade de consumo desapareceu. O mundo, no entanto, nunca mais foi o mesmo depois do quebra pau de 68. O planeta todo excitou-se. Greenwich Village em Nova Iorque, Quartier Latin em Paris, Portobello Road em Londres, Cinelândia no Rio ou Praça XV em Natal. Pintou de tudo no emaranhado mundo dos revolucionários feitos de papel higiênico, usando uma expressão do dandy surrealista Salvador Dali. As trombetas do apocalipse parisiense anunciavam: "Paradise Now". "Sejam realistas, peçam o impossível". "A imaginação está tomando o poder".

Tudo era permitido nesse paraíso juvenil. O amor livre, a droga, o sonho, a revolta e claro, a loucura. "Abram as portas dos asilos", dizia um grafite da época. A arte e a poesia invadem as ruas. Um pianista maluco toca jazz enquanto os estudantes enfrentam a polícia no Quartier Latin. "Poeta, ladrão do fogo", diz um panfleto com a fotografia de um Rimbaud suave afixado nas paredes da Universidade de Nanterre. Em Woodstock, seiscentos mil jovens são, durante três dias, batizados e crismados com muito sexo, droga e rock'n roll. Um exemplo contundente dessa cerimônia é a performance de Jimi Hendrix no festival. A partir de "Star Spangled Banner" (o hino americano), Hendrix inicia uma bela improvisação sonora. Através de um som violento e angustiado, a melodia vai sendo literalmente esfaqueada. Em seguida, sem nenhuma interrupção, ele começa a dedilhar os primeiros acordes de "Purple Haze", uma de suas mais lindas canções.

Em 68 ninguém deu bola para a política. Tudo era uma festa. Os estudantes franceses anarquizaram com a vida de De Gaulle. "Não a bagunça", disse o primeiro-ministro francês preocupado com o caos que se transformava Paris. "A bagunça é ele", responderam os estudantes. Outra vítima da sanha irreverente dos estudantes foi a esquerda ortodoxa. "Sou marxista, de tendência Groucho". Aliás, a postura do PC francês é clara com relação aos acontecimentos de maio. Georges Marchais, membro do Comitê Central do partido, afirma que o PC é um "partido de ordem" e acusa os estudantes de "pseudo-revolucionários". Segundo Marchais, trata-se de pequenos grupos trotskistas e anarquistas que querem estabelecer o caos na França. Mais uma vez o tiro comunista saiu pela culatra.

Houve realmente uma revolução em 68. O mundo mudou em Berlim, Tóquio, Varsóvia e Caicó. Até Paulo Francis, o lisérgico colunista da "Folha de São Paulo" tem nova

68 Eu te amo

Por Ailton Medeiros

opinião sobre os garotos que ouviam rock, amavam os Beatles e os Rolling Stones. Em recente artigo no jornal paulista, Francis se diz surpreso com os acontecimentos de John Lennon sobre Marx, Lenin e congê-

neres, acrescentando que esta foi a última geração. "O fato de que Lennon sabia dessas pessoas me faz vê-lo com novos e surpresos olhos". A revolução atingiu em cheio o establishment. Sexo e droga muda a

Um duelo entre paixão e repressão

68 foi um tempo de muita paixão. Não há vítimas nem inocentes. Todos são cúmplices. Uma referência clássica na história contemporânea, os acontecimentos de maio extrapolam os conceitos. Ninguém levou a sério a utopia de "transformar" o mundo e assaltar o poder usando a imaginação. Como observou Octavio Paz, "o motim foi convertido numa festa". Uma festa que durou exatamente uma década e que mudou radicalmente os hábitos de um executivo parisiense a um pacato estudante caicoense. Falar desse período seduz. Quem fala e quem ouve.

Vaidade? não. 68 tem algo de mágico. Hipnotiza, paralisa. Por aqui, nesse universo tupiniquim, ainda continua dando filhotes. Se o orgasmo meia oitenta anos durava 600 anos, muito espermatozoide vai rolar por debaixo da ponte. Eu nunca perdi a esperança. Sou um garoto que ainda escuta rock, ama os Beatles, os Rolling Stones e uma ga(rô)ta que nasceu em 68. Qualquer semelhança com o personagem do cartunista Angeli é pura coincidência. Entre uma dose e uns tapinhas, consegui colher alguns depoimentos de artistas, políticos, poetas, vanguardistas, punks e trogloditas. O que significa 68 para você, leitor hipócrito?

Jota Medeiros, performático: "Em 68 tomei meu último porre de lança-perfume".

Racine Santos, dramaturgo: "Foi a síntese de tudo que aconteceu na década".

Rosany Régia de Freitas, estudante de Direito: "Foi um orgasmo múltiplo".

Osório Almeida, jornalista: "Foi o ano em que fiz minha cabeça".

Carlos Gurgel, poeta: "Uma taça de vinho".

José B. Marinho, secretário de Indústria e Comércio: "Acreditava que a imaginação transformaria o mundo".

Lorena Galvão, arquiteta: "Lindo, não é?".

Caetano Veloso: "Vou a Paris, saber o que eles pensam disso".

Anchieta Fernandes, crítico de arte: "Um duelo entre a liberdade e a repressão".

Daniel Cohn-Bendit, líder do maio francês: "Um sonho, uma revolução na qual os trabalhadores tomariam o poder".

Jarbas Martins, poeta: "Depois de 68 eu não fui o mesmo".

Sopa Doce, punk: "Não vivi nem tenho esperança de vivê-lo".

Octavio Paz, poeta mexicano: "Arte, política e erotismo".

cabeça de qualquer um. Acrescente rock e teremos o diagnóstico do que esses meninos pintaram e bordaram. Tudo girava em torno disso.

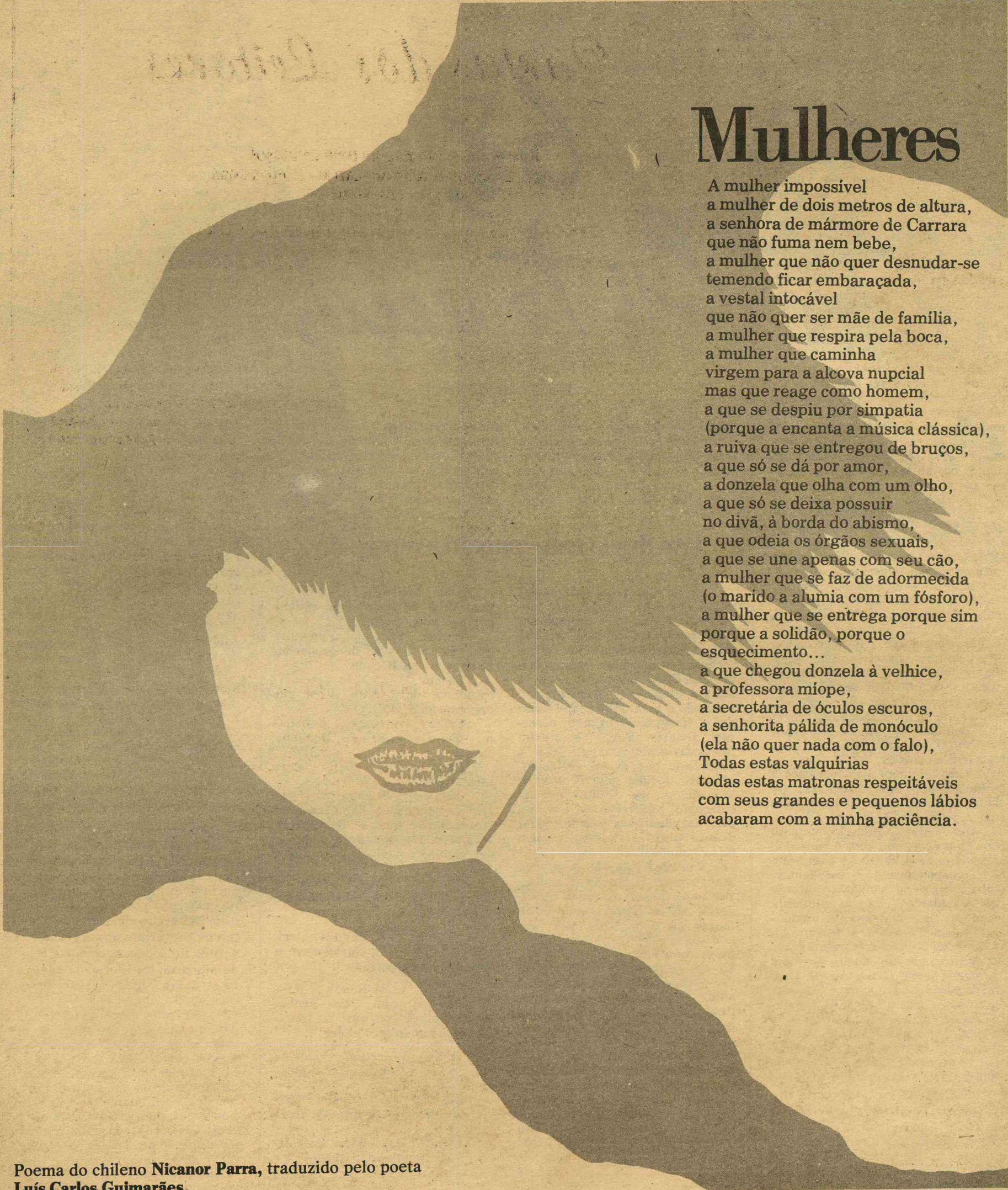
O LP "Another Side of Bob Dylan", de 64, trazia uma música "Mr. Tambourine Man" que falava nos efeitos das viagens de droga. Paralelamente a música de Dylan, Timothy Leary desenvolvia suas experiências com LSD. Foi por conta dessas "experiências" que Leary "perdeu o emprego" de professor na tradicional Harvard, mas chegou a uma conclusão: a viagem de LSD é uma peregrinação religiosa. Quase ao mesmo tempo o pirado Eric Burdon, do grupo Animals, aprendia que deixar caotizar-se pela droga não era necessariamente inútil. O pior viria depois. Em consequências dessas "peregrinações religiosas" morreriam Jimi Hendrix, Janis Joplin, Brian Jones e Jim Morrison, profetas do paraíso da imaginação. Nem só de overdose vive a humanidade.

Se a droga trouxe tragédias com o sexo foi diferente. A libido deitou a rolou na cama e na imaginação dos jovens. Fazia-se amor por qualquer motivo e em qualquer lugar. Na rua, na chuva, na fazenda ou num saco de dormir. "Faça amor, não faça a guerra", "Quanto mais eu faço amor, mais eu tenho vontade de fazer a revolução" ou "Inventem novas perversões sexuais" são slogans que ilustram o comportamento adotado pelos jovens que pretendiam fazer do sexo um ícone para ser adorado pelos séculos dos séculos, amém. Com o sexo em alta, foi decretado o estado de felicidade permanente. O amor começou a ser livre, sem compromisso. Os anarquistas resgataram Wilhelm Reich. "O homem não é nem o bom selvagem de Rousseau, nem o perverso da Igreja. Ele é violento quando oprimido, doce quando livre".

Deu a louca no mundo. "viver sem horas mortas, gozar sem entraves" foi a última pá de terra que os meninos de 68 jogaram no túmulo da sociedade de consumo, já naquelas alturas, em completo estado de putrefação.

68 foi também um antídoto contra a seriedade burocratizadora da sociedade burguesa, o "esprit de sérieux". Ninguém levava a sério ninguém. "Levemos a revolução à sério, mas não nos levemos a sério", dizia um grafite da Sorbonne. O motim foi convertido numa grande e divertida festa e as barricadas, segundo Marcuse, transformada numa pista de dança regada a sexo, droga e rock'n roll.

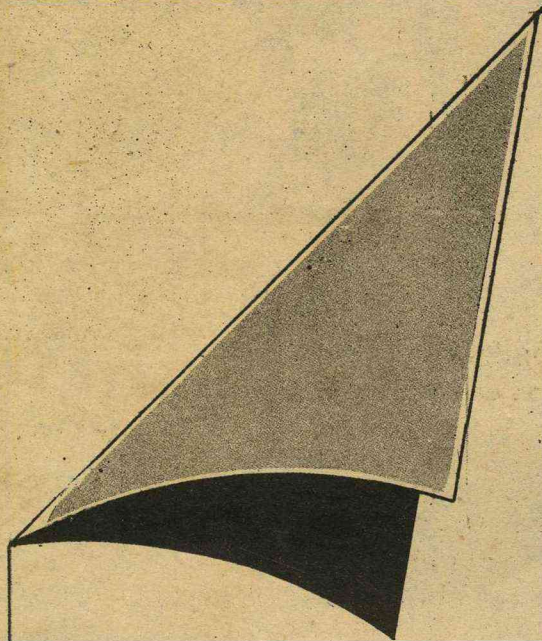
Vinte anos depois, 68 continua dando o que falar. No rádio, na televisão e no jornal. A revolução estagnou com a AIDS. 88 é o anti-68. Mas não se desesperem. Ainda há um futuro. Um dia, quem sabe, a imaginação tomará o poder criaremos um, dois, três vietnãs e todos serão de esquerda, de tendência Groucho, claro. Vocês não acreditam? então façam como eu. Sejam realistas, peçam o impossível.



Mulheres

A mulher impossível
a mulher de dois metros de altura,
a senhora de mármore de Carrara
que não fuma nem bebe,
a mulher que não quer desnudar-se
temendo ficar embaraçada,
a vestal intocável
que não quer ser mãe de família,
a mulher que respira pela boca,
a mulher que caminha
virgem para a alcova nupcial
mas que reage como homem,
a que se despiu por simpatia
(porque a encanta a música clássica),
a ruiva que se entregou de bruços,
a que só se dá por amor,
a donzela que olha com um olho,
a que só se deixa possuir
no divã, à borda do abismo,
a que odeia os órgãos sexuais,
a que se une apenas com seu cão,
a mulher que se faz de adormecida
(o marido a alumia com um fósforo),
a mulher que se entrega porque sim
porque a solidão, porque o
esquecimento...
a que chegou donzela à velhice,
a professora míope,
a secretária de óculos escuros,
a senhorita pálida de monóculo
(ela não quer nada com o falo),
Todas estas valquírias
todas estas matronas respeitáveis
com seus grandes e pequenos lábios
acabaram com a minha paciência.

Poema do chileno Nicanor Parra, traduzido pelo poeta
Luís Carlos Guimarães.



Cartas dos Leitores

Reservamos esta página para os nossos leitores. Estamos recebendo cartas, telefonemas.

Tudo isso nos gratifica.

Acreditamos na troca de idéias.

Por isso fica aqui reservado este espaço para você que queira nos dizer algo. Escreva!

LEAL E HONESTO

Necessário dizer que publicações literárias deste nível são importantes, não só a nível regional mas igualmente, para todo um país carente de informação, cultura, subnutridos pela fome, nutridos pela corrupção. Publicações como "O GALO" engrandecem qualquer órgão que se destine à Cultura. A poesia, como sempre, é arma detonadora de projéteis certos, sendo assim, é com imensa alegria que saúdo a vinda do jornal. Que ele cante sempre alto e bonito para um povo já descrente de algo verdadeiramente leal e honesto.

Tanussi Cardoso
Poeta/RJ

OLHOS E CORAÇÃO

Alegria-me muito a Edição de O GALO. Sentir Natal vestida de poesia, satisfaz aos olhos e ao coração.

O povo é cultura. E a cultura não pode permanecer por décadas a fio no anonimato.

Precisamos descobrir os poetas e artistas desta cidade: Redinha, Genipabú, Mãe Luiza, Vila de Ponta Negra, Canto do Mangue, etc.

Se Natal é poesia, saberá receber com carinho o canto de O GALO, despertando a cidade.

Darcy Paula Cavalcanti
Poeta/Natal

NORDESTINAMENTE

Foi com imensa alegria que eu recebi "O GALO". Valeu a lembrança, como valeu sobretudo o contato com pessoas que estão produzindo, nordestinamente, num alto nível de invenção e criatividade. Queira Deus (ou o Diabo) que a experiência continue, para benefício da própria Fundação José Augusto, da cultura norte-riograndense e, especialmente, para cada um de vocês: poeta, contista, crítico, artista, etc. Parabéns e sucesso.

Hildeberto Barbosa Filho
Poeta e crítico literário/João Pessoa

EQUILÍBRIO

Acabei de receber O GALO. Gostei. Está entre os melhores suplementos deste país. Há nele um equilíbrio entre o novo, avançado, e o acadêmico. Acho que as três faces são importantes. Não adianta ser apenas "avançadinho" por ser, como também não adianta ser acadêmico.

Estou guardando bem guardadinho o meu O GALO, por se tratar do número 1. Vai ser história.

Ignácio de Loyola Brandão
Escritor/ São Paulo

LEITURA EXCELENTE

Recebi O GALO, já vitorioso pela equipe do seu corpo redacional, os melhores cronistas e escritores da Província. Leitura excelente, distinta, primorosa.

Soberano, majestade de sua grei, fecundo, fértil, O GALO norte-rio-grandense, terá certamente as proporções da raça, vivida na Idade Média, gozando no Oriente destaque e prestígio popular. Como relógio da pobreza oriental, e, também no Ocidente, o seu canto anuncia geralmente cousas boas e, a extensão da voz faz medo aos próprios leões, por mais valentes que sejam.

Anunciador com antecedência, O GALO informa início de incêndios, tragédias que poderão ser evitadas e um mundo de acontecimentos na vida de uma cidade, sendo por isso na antiguidade, estimado por gregos e troianos. Contudo, há mais de mil e quinhentos anos, Antes de Cristo, os chineses e seus aliados ensinavam aos Galos a técnica de lutar, tomando-os por modelo. Assim, O GALO também foi estimado na Grécia, apaixonando seu povo que até hoje preserva o Chantecler, símbolo da extensão erótica nos estudos do sexualismo humano, visto a ave pode "amar" em seu terreiro, dezenas de fêmeas no decorrer do dia.

No folclore, O GALO, enriquece as tradições, costumes e crenças, onde o povo acredite fielmente em seu mundo sobrenatural.

Gumercindo Saraiva
Folclorista/Natal

COMBATE

Esse é o momento do bom combate na cultura do RN e não conheço lugar melhor apropriado que este, d'O Galo, que canta, enquanto o macaco assovia e briga pela cultura enquanto o vigia.....esse, dorme, coitado.

O fato é que sem demérito da tradição, precisamos considerar este marco zero. Deixar de lado caras e bocas e ir à luta. Sem requebros de gênio. Sem comportamentos vicários.

Tarcisio Gurgel
Escritor e Diretor do Núcleo de Arte e Cultura da UFRN

SATISFAÇÃO

É de suma importância para todos nós que esforços como esses que deram origem ao O GALO se multipliquem e se concretizem em outras tantas manifestações de ordem cultural.

Lemos com satisfação o jornal, do qual destacamos a matéria "NATAL VESTIDA DE POESIA", que nos pareceu especialmente rica e dinâmica.

Contamos ter a oportunidade de acompanhar de perto o trabalho que doravante estarão desenvolvendo.

Cordialmente,

André Carvalho
Diretor Geral da Imprensa Oficial de Belo Horizonte.

